



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - UACS
CURSO LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**NEMS (NÚCLEO DE ESTUDOS DA MULHER SERTANEJA): UM ESPAÇO DE
PESQUISA E ATUAÇÃO FEMININA DENTRO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA
PARAÍBA (UFPB) NA DÉCADA DE 1990**

GEANNE GONÇALVES ALEXANDRE

CAJAZEIRAS – PB
2016

GEANNE GONÇALVES ALEXANDRE

**NEMS (NÚCLEO DE ESTUDOS DA MULHER SERTANEJA): UM ESPAÇO
DE PESQUISA E ATUAÇÃO FEMININA DENTRO DA UNIVERSIDADE FEDERAL
DA PARAÍBA (UFPB) NA DÉCADA DE 1990**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura em História.

Orientadora: Prof^a Dr.^a Rosemere Olímpio de Santana

CAJAZEIRAS – PB
2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

A381n Alexandre, Geanne Gonçalves.

NEMS (Núcleo de Estudos da Mulher Sertaneja): um espaço da pesquisa e atuação feminina dentro da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) na década de 1990 / Geanne Gonçalves Alexandre.- Cajazeiras, 2016.

61p.

Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Rosemere Olímpio de Santana.

Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2016.

1. Mulher. 2. Feminismo. 3. Núcleo de estudos - mulher. 4. Mulher -

GEANNE GONÇALVES ALEXANDRE

**NEMS (NÚCLEO DE ESTUDOS DA MULHER SERTANEJA): UM
ESPAÇO DE PESQUISA E ATUAÇÃO FEMININA DENTRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA (UFPB) NA DÉCADA DE 90**

Aprovado em: 06 / 10 /2016.

Banca Examinadora



Prof.^a Dr.^a. Rosemere Olímpio de Santana (CFP/UFCG)
(Orientadora)



Prof.^a Dr.^a. Mariana Moreira Neto (CFP/UFCG)
(Examinador Titular)



Prof. Dr Francisco Firmino Sales Neto (CFP/UFCG)
(Examinador Titular)

Prof.^a Dr.^a. Maria Lucinete Fortunato (CFP/UFCG)
(Examinador Suplente)

CAJAZEIRAS – PB
2016

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pôr ser essencial em minha vida e aos meus pais Vicente e Geralda por acreditarem em mim!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por permitir que tudo isso acontecesse ao longo da minha vida, por estar comigo em todos os momentos me dando força para superar as dificuldades.

Agradeço aos meus pais, Vicente Alexandre Filho e Geralda Ferreira Gonçalves, pela determinação e luta na minha formação, por estar comigo sempre, me apoiando nas horas difíceis, me incentivando a seguir em frente, obrigada por tudo, é por vocês que hoje estou aqui, meu maior tesouro.

Agradeço aos meus irmãos, Geovane e Georgia, que por mais difícil que fossem as circunstâncias, sempre tiveram paciência e confiança, e sempre me apoiaram em tudo. A minha sobrinha Maria Giovanna, o melhor presente que deus me deu.

Ao meu namorado Welson, por estar sempre comigo, pelo apoio, pelas palavras de força, pelo carinho e dedicação.

Agradeço as minhas amigas, minhas irmãs, Danylla, Daniele e Evilangela, obrigada pelo apoio e pela paciência, amo vocês.

E não poderia deixar de agradecer as minhas outras amigas/irmãs, aquelas que sempre me apoiaram, me ensinaram e me deram umas boas lições para vida. Uma amizade que levarei para além dos muros da universidade, as minhas queridas, Mônica Raquel, Danuzia Supriano, Saara Lourenço e Bruna Monteiro. Nunca me esquecerei de vocês.

Agradeço à minha Professora orientadora, Rosemere Olímpio Santana, pela paciência e dedicação, pelo empenho dedicado à elaboração deste trabalho, pela confiança e por não desistir de mim mesmo diante das dificuldades.

Aos meus professores da graduação em especial a Professora Mariana Moreira Neto por disponibilizar o material desta pesquisa, pela atenção e dedicação que recebi ao longo desta pesquisa.

A todos os meus amigos ao qual não citei nomes, agradeço pelo carinho e apoio. A todos aqueles que de forma direta ou indireta fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

“A tarefa não é tanto ver aquilo que ninguém viu, mas pensar o que ninguém ainda pensou sobre aquilo que todo mundo vê.” (Arthur Schopenhauer).

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo conhecer e analisar o Núcleo de Estudos da Mulher sertaneja (NEMS) situado em Cajazeiras- PB e criado em 1990 na Universidade Federal da Paraíba. Para tanto, realizamos uma análise do acervo do Núcleo de estudos da Mulher Sertaneja (NEMS) no qual estão reunidos projetos e relatórios das atividades e pesquisas desenvolvidas durante o período de 1990 a 1997. Os núcleos de estudos da mulher foram pensados no decorrer da década de 1990 em várias universidades do Brasil e tinham como objetivo criar dentro do espaço acadêmico discussões e ações voltadas para o público feminino. Nossa intenção nessa pesquisa é então analisar como as mulheres, professoras universitárias, pensavam a atuação feminina dentro da academia e fora dela também, já que o NEMS criou projetos que atendiam as mulheres carentes de alguns bairros da cidade de Cajazeiras. Através da documentação produzida pelo núcleo podemos problematizar quais discursos feministas ou não circulavam nesse momento na academia e como essas mulheres percebiam a si e aos grupos nos quais atuavam no Sertão paraibano.

Palavras - Chave: Núcleo de Estudos, Mulher, Feminismo.

ABSTRACT

This study aims to understand who these women in the core studies of country woman (NEMS) and what kind of feminism they practiced, and analyzing its operations inside and outside the university in the period 1990. Therefore, we will have a analysis in the collection of the Country Women studies Center (NEMS) of the Federal University of Paraiba during the 1990s, which houses all projects and rapporteurs of the activities and research carried out on it. Women's study centers are studies and research groups set up in privileged spaces for information exchange and discursões about the problems of women. The NEMS was a production and female work space, where women participants of this core sought by feminism build possibilities for study and understanding of Hinterland's wife, also developing social projects that would enable the entry of feminist dialogue in cajazeiras community. As a theoretical framework, we use the ideas of feminism proposed by Lourdes Flag and Hildete Melo Pereira and in the context of gender in the Northeast discussion we will work with Durval Muniz de Albuquerque Junior.

Keywords: Study Center, Woman, Feminism.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
CAPITULO I.....	12
MOVIMENTO FEMINISTA: ORIGENS E CONQUISTAS	12
1.1 O PRIMEIRO PASSO DA LUTA FEMINISTA	12
1.2 SURGIMENTO DO MOVIMENTO FEMINISTA DO BRASIL.....	15
1.3 FEMINISMO NO BRASIL ENTRE AS DÉCADAS DE 80 E 90 E SUA ENTRADA NA UNIVERSIDADE	19
CAPITULO II.....	25
NEMS: UM LUGAR DE PRODUÇÃO E ATUAÇÃO FEMINISTA NA UNIVERSIDADE	25
2.1 O QUE SÃO E POR QUEM SÃO FORMADOS OS NÚCLEOS DE ESTUDOS DA MULHER	25
2.2 CAJAZEIRAS : O SERTÃO PARAIBANO NA DÉCADA DE 90	27
2.3 COMO FUNCIONA O NEMS?.....	30
2.4 PARA ALÉM DAS SALAS DE AULA: MULHERES QUE PESQUISAM E PRODUZEM SOBRE MULHERES.....	33
CAPITULO III.....	39
UM LUGAR DE (TRANS.) FORMAÇÃO SOCIAL	39
3.1 ATIVIDADES E PROJETOS DESENVOLVIDOS NO NEMS	39
3.2 ALFABETIZAÇÃO DE MULHERES SOB UM OLHAR FEMINISTA	42
3.3 A CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO FEMINISTA.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
REFERÊNCIAS	52
ANEXO	54

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como tema o NEMS (Núcleo de Estudos da Mulher Sertaneja): um espaço de pesquisa e atuação feminina dentro da universidade federal da Paraíba (UFPB) na década de 90. O principal objetivo é conhecer quem são essas mulheres que participaram do núcleo de estudos da mulher sertaneja-NEMS e como a atuação das mesmas nos possibilita entender as discussões acadêmicas em torno do feminismo e da categoria de mulher que circulavam na universidade no período de 1990. Assim, o NEMS foi criado em 1991, sendo um órgão suplementar do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), tendo como objetivo desenvolver estudos e pesquisas sobre a mulher, desenvolver atividades acadêmicas em que elas, as mulheres, seriam objeto central, ofertar cursos vinculados a essa problemática e prestar serviço à população feminina de baixa renda na região de cajazeiras, com o objetivo de estimular a sua participação na sociedade.

O interesse pela temática de estudo da mulher, surgiu ao longo da minha formação acadêmica, ao passo em que iam sendo apresentados as discussões sobre a problemática da mulher, observava que algo me deixava a desejar, o que causava mais interesse na temática, principalmente relacionado a mulher na universidade. A partir dessa curiosidade descobri o acervo do NEMS, que ainda permanece hoje na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), antigo campus da UFPB, levando a tais questionamentos: Quem são essas mulheres que atuam nesse núcleo? Que tipo de feminismo estava sendo pensando?

Os núcleos de estudos são espaços, segundo, Costa e Sandenberg (1994) privilegiados para trocas de informações e discussões a cerca da problemática da mulher, são grupos de estudo e pesquisas formado por professores pesquisadores e alunas que pensam a problemática da mulher dentro e fora da academia.

Esses núcleos começam a ser pensados nas universidades a partir de 1979, permeados pelas ideias feministas. É a partir de 1980 e 1990 que vai se observar é a proliferação desses Núcleos em diversas universidades do país com variadas denominações.

Assim essa pesquisa parte do desejo de conhecer e entender a atuação de um desses núcleos, o NEMS-Núcleo de Estudos da Mulher Sertaneja, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Essa pesquisa foi realizada através da documentação do

Núcleo de Estudos da Mulher Sertaneja-NEMS, que consiste em projetos, regulamentos, relatórios de atividades e de aulas, sendo que, essa documentação foi cedida pela professora Mariana Moreira Neto, hoje responsável pelo acervo do núcleo.

A pesquisa teve início no ano de 2015 quando soube da existência do NEMS, e que a responsável pelo seu acervo era a professora Mariana, procurei a mesma que concedeu total acesso ao acervo do núcleo, o que possibilitou conhecer de perto a documentação que lá existe. Após o primeiro contato, realizei várias visitas e digitalizei todos os documentos relacionados a este núcleo, para então dar início a pesquisa, depois de uma análise desses documentos foi feita uma seleção referente as temáticas que nos permitiam saber mais sobre as experiências do Núcleo.

Depois dessas análises, juntamente com a professora Rosemere Olímpio, notamos que tínhamos possibilidades de trabalhar varias problemáticas, optamos discutir a relação do grupo de mulheres que compõem o núcleo com as mulheres dos bairros do Por do Sol, Vila Nova e Mutirão. A escolha por essa problemática parte do interesse em saber como ocorria a atuação dessas mulheres bem como, quem eram elas.

Assim sendo, tomamos como base as discussões de Lourdes Bandeira E Hildete Pereira Melo, em seu livro *Tempos e Memória: movimento feminista no Brasil*, no qual, as mesmas apresentam a trajetória da luta feminista no Brasil. Trabalhamos também com as autoras, Joana Maria Pedro, Ana Alice Alcântara Costa e Cecília Maria Bacellar Sardenberg e Rachel Shoihet ajudando a pensar desde a entrada do feminismo na universidade até a chegada dos núcleos e o que são esses núcleos. No âmbito da discussão de gênero no Nordeste, trabalhamos com Durval Muniz de Albuquerque Junior, o qual problematiza em sua obra *Nordestino: Uma invenção do falo, Uma história do gênero masculino (1920-1940)* a construção de vários estereótipos do “Macho” e dentro dessa construção a invisibilidade da mulher nordestina.

A escolha do tema justifica-se, especialmente, por sua relevância para o estudo da mulher Sertaneja na região, e a importância do envolvimento de mulheres em uma luta feminina dentro da universidade na década de 90. Assim sendo, estruturamos os capítulos teóricos da seguinte forma:

No primeiro capítulo – “*Movimento feminista: origens e conquistas*” – apresentamos a origem do movimento feminista, sua expansão, abordando a sua chegada ao Brasil e sua entrada na universidade e um breve histórico sobre a criação dos núcleos de estudos na mulher.

No segundo capítulo – “*NEMS: um lugar de produção e atuação feminina na universidade*” – discute a criação desses núcleos, o que são e como atuam, analisando o Núcleo de estudos da mulher sertaneja, sua atuação e trajetória na Universidade Federal da Paraíba, discutindo também quem são e o que pensam as integrantes desse núcleo.

Já no terceiro e último capítulo – “*NEMS: um lugar de (trans.) formação social*” – analisam-se os projetos produzidos no NEMS, e sua relação com o lugar do feminino e do feminismo e a transformação cultural, ao passo que são apresentados os projetos e propostas desenvolvidas no mesmo, discutindo a atuação das mulheres nesses projetos.

Dessa forma, propomos realizar uma problematização sobre a construção e atuação do Núcleo de Estudos da Mulher Sertaneja e mesmo que timidamente pretendemos nessa pesquisa problematizar a relação desses dois grupos de mulheres, as acadêmicas e as donas de casa, como esses dois universos tinham em comum o fato de serem mulheres e como isso era produzido nos relatórios do Núcleo.

CAPITULO I

MOVIMENTO FEMINISTA: ORIGENS E CONQUISTAS

1.1 O PRIMEIRO PASSO DA LUTA FEMINISTA

A luta das mulheres desempenhou não só um importante papel no processo de democratização no Brasil como também apresenta até hoje significativos avanços políticos, que teve e ainda tem como meta, conquistar a igualdade de direitos entre homens e mulheres, garantindo sua participação na sociedade de forma equivalente à dos homens. Diante dessa questão, problematizarei o papel da mulher na sociedade, apresentando suas lutas, suas conquistas e desafios, tendo como foco principal o Movimento Feminista a partir da década de 80 e sua entrada na universidade. Lembrando que, “o feminismo, enquanto movimento social é um movimento essencialmente moderno, surge no contexto das ideias iluministas e das ideias transformadoras da Revolução Francesa e da Americana e se espalha, em um primeiro momento, em torno da demanda por direitos sociais e políticos.” (COSTA, 2005).

As autoras Santos e Sacramento (2011) descrevem o comportamento da mulher no século XIX da seguinte forma:

O comportamento feminino no século XIX difere do masculino, pois estes possuem papéis distintos dentro da sociedade e da própria cultura. A manutenção do estereótipo do homem como o chefe da família era influenciada de sobremodo pelos dogmas da igreja, os quais afirmavam que as mulheres eram feitas somente para procriar, ser carinhosa e uma excelente dona de casa. A percepção quanto à padronização da mulher “ideal” e como essas devem se comportar participa dos discursos sobre gênero como práticas sociais, onde o saber e o poder se entrecruzam, configurando categorias sociais a serem divulgadas por instituições e subjetividades apropriadas e emitidas pelos sujeitos históricos. (SANTOS, SACRAMENTO, 2011, p.02).

Ou seja, acreditava-se que a mulher era inferior a figura masculina, por conta da sua condição física e do papel que a mesma representava na sociedade, dona do lar, mãe e esposa. Estudar não fazia parte da vida feminina, as mulheres do século XIX eram educadas para casar. A igreja católica exercia grande influência nesse período, segundo esta, o homem era superior à mulher, pois representava cristo no lar. As mulheres eram submissas a eles, sendo vigiadas pelo marido ou pelo pai e também pela sociedade. Sabemos que a história também é feita de exceções, mas foi um século depois, que ocorreu o movimento sufragista que apesar de ser uma luta de operários,

uma conquista dos homens, “Esta foi uma luta específica, que abrangeu mulheres de todas as classes.” (ALVES, PITANGUY,).

Foi principalmente na Revolução Francesa que as mulheres se apresentaram na história como sujeito político. Além da reivindicação pelos direitos políticos, existe registro da luta das mulheres pelo direito ao alistamento na carreira militar e ter acesso às armas, na defesa da revolução (GURGEL, 2010). Segundo Gurgel esta luta dirigia-se tanto para os direitos civis quanto para as questões trabalhistas, reivindicando liberdade e igualdade para todos. Essas mulheres queriam direito a educação, trabalho, igualdade salarial, e direitos políticos. Assim sendo:

O Feminismo surge e se organiza como movimento estruturado, a partir do fenômeno da modernidade, acompanhando o percurso de sua evolução desde o século XVIII, tomando corpo no século XIX, na Europa e nos Estados Unidos, transformando-se, também, em instrumento de críticas da sociedade moderna. (SILVA, 1982. P. 01).

Isto é, esse movimento surge juntamente com as transformações da modernidade, à medida que a sociedade mudava as mulheres sentiram a necessidade de mudanças também, e é a partir dessa perspectiva que a mulher vai levar a frente essa luta em busca de um avanço feminino na sociedade. “... o feminismo procurou, em sua prática enquanto movimento superar as formas de organização tradicionais, permeadas pela assimetria e pelo autoritarismo.” (ALVES, PITANGUY,).

Para alguns intelectuais o movimento feminista foi dividido em três ondas. Céli Pinto (2003), por exemplo, afirma que a primeira fase do feminismo teria ocorrido no final do século XIX e se estenderia até o início do século XX. Tinha um caráter conservador e lutava pela inserção das mulheres a cidadania afim de uma melhor inclusão social.

Nesse período, as mulheres procuraram ir mais além, ou seja, elas agora querem a conquista do poder político, e o direito ao voto. Esse período ficou conhecido como o feminismo “bem-comportado”. Segundo Céli Pinto (2003) esse período teve como referência no Brasil a bióloga Bertha Lutz, que liderava o movimento sufragista, sendo considerada uma das precursoras do movimento feminista brasileiro, principalmente na luta do direito ao voto.

Segundo Costa (2005), no Brasil “as primeiras manifestações aparecem já na primeira metade do século XX, em especial através da imprensa feminina, principal

veículo de divulgação das ideias feministas naquele momento.” E dentro desse contexto não poderíamos esquecer de destacar a baiana, como cita Costa (2005) Leolinda Daltro, fundadora do Partido Republicano Feminista, no qual tinha o objetivo de mobilizar as mulheres na luta pelo sufrágio. Essa onda permanece até meados de 1964,

Com o golpe militar de 1964 no Brasil, e posteriormente nos anos 1970 em vários outros países latino-americanos, os movimentos de mulheres, juntamente com os demais movimentos populares, foram silenciados e massacrados. (COSTA, 2005, pg. 04)

A segunda onda do feminismo na América Latina nasceu nos anos 1970, em meio ao autoritarismo e à repressão dos regimes militares dominantes e das falsas democracias claramente autoritárias (COSTA, 2005). Surgindo como uma forma de resistência das mulheres a ditadura, e agora elas vão além do político, defendendo o direito a educação, moradia e emprego. Vera Soares (1994) cita que:

Dois processos fundamentais que cruzaram a segunda metade dos anos 70 e toda década de 80 marcam a presença dos movimentos sociais no Brasil contemporâneo: as crises econômicas e a inflação crescente que delas decorrem, e o processo de abertura política, ambos afetando e mobilizando tanto as classes médias quanto as classes trabalhadoras. (SOARES, 1994, pg.12)

Para Soares, os movimentos de mulheres desse período vieram trazer uma nova versão da mulher brasileira, aquela que vão as ruas em defesa de seus direitos, além do direito a trabalhar, elas defendem o direito ao prazer, ao controle sobre o seu próprio corpo, isto é, a questão do aborto e dos métodos contraceptivos, e contra a violência sexual. Uma luta voltada não só para o político e social, mas também para a libertação e valorização do corpo da mulher. Ficando conhecido por alguns como o feminismo “malcomportado”.

Simone Beauvoir com sua obra “Segundo Sexo”, foi referência nessa corrente feminista desse período, com seu pensamento voltado para as questões da sexualidade, do corpo e da família. Ela discute em sua obra os conflitos entre liberdade e autonomia da mulher e sua condição de alteridade enquanto um sujeito social. Essa obra serviu de referência para muitas feministas desse período.

E a terceira onda teve início ainda no meio da década de 1980, embora sua colocação histórica seja reconhecida a partir da década de 1990. Essa terceira fase do

feminismo pode ser considerado uma continuação e uma resposta das falhas dos movimentos anteriores, colocando a frente principalmente a participação da mulher negra na sociedade, um feminismo que luta por uma igualdade étnica racial, busca combater a desigualdade sexual e econômica entre homens e mulheres.

Foi uma fase marcada por diversos questionamentos, onde as feministas buscavam não só corrigir as falhas deixadas pelas fases antecedentes a esta, mas também buscaram discutir novas ideias, aumentar seus objetivos e suas lutas.

No início dos anos 1990 se multiplicaram as várias modalidades de organizações e identidades feministas. As mulheres pobres articuladas nos bairros através das associações de moradores, as operárias através dos departamentos femininos de seus sindicatos e centrais sindicais, as trabalhadoras rurais através de suas várias organizações começaram a auto identificar-se com o feminismo, o chamado feminismo popular. (COSTA, 2005, pg. 08)

Essa fase do feminismo é marcada por suas diferentes contradições, o movimento deixa de ser um único grupo formado por mulheres brancas de classe média e passa agora a englobar as mulheres negras, lésbicas, donas de casa. Formando diferentes grupos feministas que trazem em sua luta diferentes fases e diferentes interesses para um único sexo. Essa onda permanece até os dias atuais.

1.2 SURGIMENTO DO MOVIMENTO FEMINISTA NO BRASIL

No Brasil a primeira onda do feminismo manifestou-se publicamente por meio da luta do voto, aparecendo basicamente na década de 1910 quando a bióloga Bertha Lutz volta para o Brasil inicia a luta pelo voto (PINTO, 2010). E mais adiante as mulheres começam a lutar por seus direitos, buscando conquistar seu espaço na educação, o direito ao divórcio, trabalho, esses grupos de mulheres eram compostos basicamente por mulheres da elite. Durante o regime militar este movimento ganhou mais força e mais visibilidade, era um momento de tortura, repressão, prisão e luta armada, onde este desabrocha como consequência da resistência das mulheres na ditadura militar, no sentido de uma elaboração política e pessoal.

Paralelamente aos movimentos sociais que se levantavam contra a ditadura militar, as feministas propuseram-se, desde meados dos anos setenta, a denunciar a dominação sexista existente, inclusive no interior dos grupos políticos, defendendo que o movimento pelos direitos das mulheres, no Brasil, deveria ser diferenciado e subordinado às lutas gerais do povo brasileiro. (BANDEIRA, MELO, 2010. P. 25).

E foi durante esse período que o feminismo foi capaz de promover argumentos ligados à violência contra as mulheres, e saírem às ruas reivindicando seus direitos sociais. Vera Soares cita que no final dos anos 70 apareceram dois grandes movimentos sociais liderados por mulheres: o movimento contra a alta do custo de vida e o movimento de luta por creche.

Essas ações para que as mulheres conquistassem o seu espaço na sociedade acabaram virando alvo de discussões mais amplas entre estudiosos e algumas feministas. E tendo como base o equilíbrio no relacionamento entre homens e mulheres, no qual as diferenças passam a ser valorizadas, isto é, elas perdem as características negativas. Notamos que não se trata apenas de uma diferença de sexo, mas sim as diferenças pessoais entre seres humanos.

Nas décadas de 1960 e 1970 as mulheres pela primeira vez na história estavam entrando massivamente nas universidades, e muitos dos movimentos de resistência à ditadura se desenvolveram em grande maioria justamente no movimento estudantil. Estes grupos feministas fizeram com que as mulheres se vissem como sujeitas ativas na cena política, sendo o ponto crucial para que elas começassem a contestarem os seus papéis na política brasileira, é importante destacar que as integrantes desses grupos eram principalmente as mulheres com formação universitária e de classe média.

Segundo a autora Julia Paiva Zanetti (2011) a década de 1960 foi um período de efervescência para diferentes grupos sociais, que eram marcados pelas discussões sobre política, e dentre essas discussões estava à mulher. Essas lutas trouxeram significativos avanços na vida das mulheres como já foi dito. Destacaremos aqui as diferentes contradições que os grupos feministas vão debater nesse período.

Para entendermos melhor essa diferença dentro dos grupos feministas, Zanete (2011) explica que esses grupos de mulheres desde a década de 60 estavam muito generalizados em mulheres brancas, de classe média e heterossexual e é a partir dessa generalização que vão surgir outros grupos com outras perspectivas feministas. As mulheres que não se encaixavam nesse perfil sentiram a necessidade de se tornarem visíveis dentro do movimento, e é a partir daí elas começam a se identificar como

“feminista-negra”, feminista-lésbica”, “feminista-proletária”, cada uma representando a sua luta.

Essa diversidade não pode ser vista como um obstáculo para as lutas, como era visto por muitos, mas sim, um motivo para que a luta continuasse, porém o que alguns autores (as) discutem é que essas diferenças acabavam gerando conflitos dentro do próprio movimento entre as próprias integrantes do grupo. Como cita a autora Zanett (2011), onde muitas das vezes até a diferença de idade causavam conflitos entre as participantes dos movimentos:

Um aspecto da luta das jovens feministas que Angela valoriza é o fato de assumirem algumas questões que, na sua avaliação, as organizações das feministas adultas não deram a devida importância, citando como exemplo o turismo sexual, que afeta diretamente o segmento juvenil. Ela acrescenta ainda que há “uma apropriação dessas organizações do tema de juventude sem nenhum debate”. (ZANETT, 2011, P. 71)

Podemos notar claramente as diferentes perspectivas feministas citadas acima, as jovens enfatizam um tema onde as mais velhas do grupo não dão importância, o que acaba gerando conflitos entre elas.

Em meio a estes conflitos e debates, Soares cita que a década de 80 possibilitou a abertura de importantes discussões sobre o lesbianismo que nunca tinha sido discutido dentro do movimento feminista. E em meio a essas mobilizações surgiu em São Paulo o Grupo Lésbico Feminista, pioneiro no tratamento da questão homossexual, dentro do movimento feminista, e da questão da mulher, dentro do movimento homossexual. (BANDEIRA, MELO, 2010. P. 27). Marcando a luta das mulheres lésbicas.

As mulheres negras também começam a manifestar-se e colocar em discussão a questão das diferenças de raça entre as mulheres negras e as mulheres brancas, já que até então os grupos de feministas eram formados em grande maioria por mulheres brancas, acadêmicas e ricas. Os grupos feministas raciais vêm discutir essa posição da mulher negra na sociedade, pois elas praticamente não apreciam nessa luta.

Segundo as autoras Lourdes Bandeira e Hildete Pereira de Melo (2010), essa luta pela cidadania alterou a vida de milhões de mulheres na sociedade ocidental. As ativistas feministas fizeram campanhas por todos os recantos do planeta pelo reconhecimento dos direitos das mulheres, ou seja, essas mulheres queriam respeito,

dignidade, direito a educação, direito ao voto, direito a participação ativa na sociedade. E foi a partir dessas lutas que as mulheres foram conseguindo aos poucos primeiramente ganhar o apoio de mais mulheres para fortalecer o movimento e pouco a pouco conseguir conquistar seus direitos.

Acredito que, os primeiros passos que a mulher deu em direção a sua entrada na cena política tenha sido um grande avanço, principalmente no contexto em que foi conquistado, pois apesar dos retrocessos devido à intervenção militar, foi um processo difícil e lento, como descrevem as autoras Bandeira e Melo (2010):

“A conquista do direito ao sufrágio universal e sua extensão às camadas populares, mesmo que só das pessoas alfabetizadas, aliada a introdução do voto secreto foram instrumentos que acabaram por se efetivar na sociedade, legitimando a condição de que cada eleitor/a manifestasse sua opção política, longe da coerção dos mais poderosos. (...) A conquista do direito ao voto em 1932 não teve forças para superar a despolitização das massas femininas e a Federação pelo Progresso Feminino (FBPF) e outras associações de mulheres criadas ao longo do tempo quase desapareceram na vida política nacional.” (BANDEIRA, MELO, 2010. P. 20)

Porém apesar de ainda estarem ocultas da cena política, pode-se dizer que, no Brasil, a estratégia do feminismo em tornar visível a questão da mulher, sua exclusão e desigualdades, foi bem-sucedida. (SOARES, 1994).

O feminismo criou novas maneiras de ler a realidade e reescreveu o discurso público da igualdade da mulher. Muitas jovens são diferentes hoje de suas avós porque existia o movimento de mulheres quando estavam crescendo. As principais ideias do feminismo estão presentes hoje em inúmeros espaços. (SOARES, 1994, pg.49)

Apesar de o movimento ter seus retrocessos e conflitos, ele foi e ainda é de suma importância para a construção do espaço da mulher enquanto um ser ativo na sociedade, graças a essas mulheres hoje apesar de ainda vivermos em uma sociedade machista nós podemos ser vistas enquanto mulheres que trabalham, estudam e o mais importante estudamos e discutimos a nossa história de lutas e conquistas. E como cita a autora Vera Soares se hoje existem jovens diferentes, isso foi graças a influencias feministas que existiu desde décadas atrás.

1.3 FEMINISMO NO BRASIL ENTRE AS DÉCADAS DE 80 E 90 E SUA ENTRADA NA UNIVERSIDADE

Nosso foco principal aqui é abordar a discussão do feminismo a partir da década de 80, no qual pretendemos discutir não só a sua influência na sociedade brasileira desta época, como também pretendemos ver mais de perto a entrada deste movimento nas universidades e sua influência na vida das universitárias.

A autora Vera Soares (1994) cita que, uma das parcelas dos movimentos de mulheres nos anos 70 e 80, no Brasil, nasceram dos grupos de vizinhança nas periferias dos grandes centros urbanos. (SOARES, 1994.) Ou seja, agora não são só as mulheres brancas de classe média que lutavam pelos seus direitos, as mulheres que faziam parte de uma classe social mais baixa também entraram na luta, elas reivindicavam melhor qualidade na educação, saúde, moradia, melhor qualidade de vida e etc.

A autora Vera Soares fala também que:

O feminismo se diversificou criando novas formas de organização e instituindo práticas como os coletivos voltados para ações relacionadas ao corpo, a saúde, à sexualidade feminina e ao combate à violência. (SOARES, 1994, pg.44)

Isto é, a luta feminista não ficou presa somente na questão da inserção da mulher na política ou, por exemplo, do direito de trabalhar fora do lar, elas foram além, trouxeram à tona temas voltados à sexualidade, a saúde da mulher... Como cita acima a autora Vera Soares.

É importante ressaltar que nem todos os grupos feministas da época tinham essa mesma perspectiva, havia aqueles que lutavam por causas diferentes, como exemplo dos grupos formados por mulheres das periferias que buscavam questões como educação, moradia e saúde. Já havia e ainda existe até hoje aqueles grupos com ideias progressistas, inovadoras, que vão além, da inserção da mulher no mercado de trabalho ou na política, esses grupos problematizam, por exemplo, a influência da mídia na figura feminina, como os padrões de belezas, estética, moda, a sexualidade e outros.

Mas também tem aquelas que acreditam que estas práticas como estética, beleza, casamento, educação e sexualidade seja uma escolha de cada uma, pois o objetivo é a liberdade, ou seja, o direito de escolher o que eu quero para mim se quero casar, estudar, definir meu estilo de roupa, cabelo e etc.

Estes são alguns rostos que o feminismo apresenta um movimento que manifesta várias faces e que defende diferentes perspectivas, como defende a autora Vera Soares:

Nos anos 80 as feministas mantiveram e mantêm ainda hoje, uma relação intensa com essas diversas faces do movimento de mulheres - muitas vezes tensa, outras enriquecedora ou até empobrecedora. Fizeram um entrelaçamento dessas diferentes vertentes, de modo que hoje ficam pouco menos nítidos as demarcações, principalmente entre as mulheres dos movimentos populares e o movimento feminista. (SOARES,1994, pg.42)

Desta forma, observa-se que a efervescência do feminismo nesse período, trouxe importantes conquistas para este movimento, como por exemplo, o reconhecimento dos direitos econômicos, sociais e culturais das mulheres na sociedade; a conquista dos direitos sexuais e de direitos reprodutivos; a entrada da discussão de gênero nas universidades; a violência contra mulher e entre outras inúmeras conquistas que as mulheres vêm conseguindo.

E na década de 90 o feminismo ganhou mais espaço, “os anos 90 demonstram que o feminismo multiplicou os espaços e lugares em que atua e, conseqüentemente, onde circula o discurso feminista.” (SORARES, 1994.) Fortalecendo cada vez mais o movimento e unificando as diferenças raciais, sociais, étnicas, entre as mulheres dos grupos.

A luta da mulher se deu em diferentes espaços e tempo, destacaremos aqui a inserção do feminismo e a questão de gênero nas universidades. A expansão do ensino superior e a influência do feminismo favoreceu a entrada dessas discussões de gênero nas universidades brasileiras. Esse discurso surge em torno da problemática da condição feminina, determinando a masculinidade e a feminilidade nos padrões de comportamento, sendo considerado um elemento constitutivo das relações sociais entre homens e mulheres.

Segundo a autora Joana Maria Pedro (2005) no final do século XIX poucas mulheres conseguiam estudar em universidade, era tão raro ver mulheres cursando uma graduação que quando uma conseguia ingressar e concluir um curso superior era motivo de notícias em jornais em todo o país. Porém, hoje essa cena mudou quem antes era minoria, hoje ultrapassa os homens na universidade. Mas isso não quer dizer que existe uma igualdade entre sexos dentro das universidades, ainda hoje existe uma notável

divisão sexual nos cursos superiores, geralmente os cursos de exatas, por exemplo, é composto em sua maioria por homens, enquanto as mulheres ocupam uma grande parcela nos cursos de letras, pedagogia e ciências sociais.

O período de 1980 foi consideravelmente importante para a entrada dessa discussão na universidade, um período de grandes manifestações populares. A universidade nesse período era considerada um lugar privilegiado pelos (as) militantes desde a década de 60 no período da ditadura, por ser considerado muitas vezes um espaço que favorecia não só a luta contra a ditadura, mas, por uma sociedade melhor, pelo feminismo, por direitos iguais entre homens e mulheres, principalmente dentro da universidade.

E a entrada desse movimento na academia se deu em um período de luta e movimentos sociais, e foi justamente dentro desses grupos de militantes de esquerda que as mulheres começaram a participar de movimentos, como explica a autora Joana Maria Pedro:

Foi a partir da atuação no movimento estudantil e em partidos de esquerda que muitas destas jovens participaram de grupos clandestinos, sendo, muitas vezes, presas, torturadas, mortas e/ou exiladas. Nesta trajetória, muitas questionaram a divisão sexual da militância, tomaram contato com o feminismo internacional e, principalmente após 1975, com o Ano Internacional da Mulher, foram para grupos de mulheres ou feministas com a “missão” de aparelhar estes grupos. (PEDRO, 2005, pg. 172)

E foi a partir dessa trajetória que muitas mulheres se tornaram feministas e mais, trouxeram o feminismo para a universidade. Elas começaram a questionar seu lugar na academia, nos movimentos sociais, na sociedade, perguntando o porquê dessa divisão sexual. Surgindo assim uma luta por direitos iguais entre homens e mulheres dentro do ensino superior. Dentro da universidade essas mulheres buscavam mais visibilidade, elas questionavam a figura da mulher na universidade, porque que grande maioria estava representada na limpeza, na cozinha, poucas na sala de aula estudando ou ensinando?

As mulheres começaram a lutar também pelo estudo da mulher no ensino superior, isto é inserção de pesquisas sobre gênero, a implantação de disciplinas que discutissem o papel da mulher na sociedade. Segundo Costa Sandenberg a luta dessas mulheres pela transformação do cotidiano acadêmico mostra que “de um lado, a retomada do movimento feminista tem sido uma fonte inspiradora bastante fértil para o

desenvolvimento de estudos e pesquisas acerca da condição feminina. De outro, é certo que, num plano mais amplo, esses estudos têm contribuído para o avanço dos movimentos de mulheres.” (COSTA, SANDENBERG, 1994.). Tanto na academia quanto fora dela esses movimentos foram e ainda são de suma importância para a condição feminina da sociedade.

Um fato bastante relevante desse movimento na universidade é a criação de Núcleos de estudo sobre a Mulher:

Em 1979 um passo importante no incentivo à produção científica nesta área será dado com a criação do Grupo de Trabalho Mulher e Força de Trabalho na ANPOCS e posteriormente, em 1980, na mesma Associação, com a criação do GT Mulher e Política. No mesmo ano será criado o primeiro núcleo de estudos em uma universidade brasileira, o Núcleo de Estudos da Mulher - NEM -, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Fruto da iniciativa de Fanny Tabak, a criação deste Núcleo será um exemplo a ser seguido, imediatamente te, por muitas outras estudosas em outras regiões do país. (COSTA, SANDENBERG, 1994. Pg.390).

O que vamos observar nos anos 80 e 90 vai ser a proliferação desses Núcleos em diversas universidades do país com variadas denominações. Esses núcleos em sua maioria eram compostos por professoras e pesquisadoras que já faziam pesquisas sobre a mulher. Buscando uma maior visibilidade nas pesquisas sobre gênero e feminismo, e sendo considerado por muitas como um engajamento da militância feminina dentro da universidade (PEDRO, 2005).

A autora Joana Maria Pedro (2005) explica que esses Núcleos “Na academia, tentam interferir, através de problemáticas inovadoras, questionando os pressupostos das disciplinas onde atuam. Esta atuação, entretanto, nunca é tranquila.” Ou seja, esses núcleos procuram não só expandir as pesquisas sobre a mulher como também procuram interferir nas disciplinas que discutem o tema. E a partir de 1990, com a introdução do Gênero como categoria de análise, haverá um grande impulso no processo de criação dos núcleos (COSTA, SANDENBERG, 1994.). Favorecendo assim o avanço das discussões sobre a mulher e sobre as relações de gênero na sociedade, e também expandido as pesquisas sobre o tema.

Vale lembrar que apesar da importância desses núcleos, eles sofreram grandes dificuldades para se manterem ativos. Como cita as autoras abaixo:

A descontinuidade, aliás, tem sido uma característica marcante na história de alguns núcleos: a falta de recursos financeiros, de pessoa! Técnico-administrativo, e a necessidade de formação do pessoal docente, muitas vezes em outros estados ou países, têm causado, com certa frequência, a interrupção temporária das atividades. (COSTA, SANDENBERG, 1994. Pg.392).

Isto é, a falta de verbas das universidades para a manutenção financeira dos núcleos, já que muitos desenvolvem projetos que requeriam uma maior distribuição de verbas. Muitas vezes também a falta de formação dos professores como cita as autoras acaba por interferir no andamento das pesquisas. O que acaba gerando inúmeros obstáculos para a sustentação destes. Entretanto a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais- ANPOCS e a Associação Brasileira de Antropologia-ABA vêm apoiando a criação desses grupos e a manutenção dos mesmos nas universidades.

A ANPOCS é uma entidade de direito privado sem fins lucrativos, reúne mais de uma centena de centros de pós-graduação e de pesquisa em antropologia, ciência política, relações internacionais, sociologia, de todo o Brasil. Essas entidades realizam também, encontros regionais nas regiões Norte e Nordeste, facilitando a divulgação dos trabalhos de núcleos dessa região.

“Estes núcleos do Norte e Nordeste, mesmo 'nadando contra a maré', vêm desenvolvendo diversas atividades nas áreas de ensino, pesquisa e extensão, tendo produzido estudos relevantes sobre relações de gênero e condição feminina na região.” (COSTA, SANDENBERG, 1994) e vai ser justamente um núcleo desses que veremos mais a fundo nos seguintes capítulos. Onde trabalharemos com o Núcleo de Estudo da Mulher Sertaneja (NEMS), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus V, Cajazeiras Paraíba.

É importante ressaltar que apesar dessa iniciativa na área de pesquisa sobre gênero, ainda existe uma carência muito grande quando se trata da atuação da mulher no campo das ciências dentro da academia, tanto na pesquisa quanto na atuação. Mas, segundo Costa e Sandenberg (1994), nas duas últimas décadas, verifica-se no país um crescimento considerável do ingresso de mulheres nas universidades, tanto estudantes como docentes. Mas quando se trata de estudos sobre essa inserção ainda se deixa a desejar, muitas vezes notamos a lacuna que existe nesses estudos acerca de todo o processo da entrada, da aceitação e da jornada da mulher na universidade. Costa e Sandenberg vêm dizer que:

Uma questão que ainda carece de análise mais cuidadosa, nesse caso, é saber se, dado o fato de que os ideais feministas têm se disseminado com maior aceitação entre mulheres de nível superior, a crescente presença da mulher no ensino universitário tem realmente se traduzido em mudanças significativas no que se refere às relações de gênero no cotidiano do ensino e do convívio acadêmico. Ou será que as mulheres docentes estarão apenas reproduzindo as 'velhas' práticas e representações? (COSTA, SANDENBERG, 1994. Pg.399).

As autoras nos fazem questionar como esse feminismo era praticado nas universidades, e mais, de que forma esses núcleos de estudo da mulher influenciavam na questão da discussão do feminino dentro da universidade. É o que veremos nos próximos capítulos, como esses núcleos eram formados e como pensavam e produziam sobre as mulheres. A ideia é pensar essas pesquisas enquanto espaço de visibilidade e dizibilidade para essas mulheres. Era a possibilidade de tornar real a história e os problemas sociais que envolviam o feminino.

CAPÍTULO II

NEMS: UM LUGAR DE PRODUÇÃO E ATUAÇÃO FEMININA NA UNIVERSIDADE

“Os núcleos da mulher representam a expressão de um momento, ou de uma fase imprescindível na constituição de um novo campo do saber, fase está na qual se processa a construção do seu objeto de estudo”.

2.1 O QUE SÃO E POR QUEM SÃO FORMADOS ESSES NÚCLEOS DE ESTUDOS DA MULHER

Os núcleos de estudos da mulher são grupos de estudos e pesquisa instituídos em espaços privilegiados para trocas de informações e discursões a cerca da problemática da mulher. Sendo formados por professores, alunos e pesquisadores, surgem como um aperfeiçoamento e uma forma de estudar, pesquisar e divulgar as questões sobre a mulher e as diferenças de gênero, contribuindo também para pensar a problemática da mulher dentro e fora da academia. (COSTA e SANDENBERG, 1994). Os primeiros núcleos de estudos sobre a mulher surgem na Universidade católica do Rio de Janeiro, nas Universidades federais do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e Minas Gerais. Quanto a sua estrutura, não existia um modelo dominante, mas sim uma adequação as necessidades das instituições em que estavam inseridos. Em relação à formalização burocrática, fica em responsabilidade e interesse das equipes que os constituem.

A criação dos Núcleos de Estudo da Mulher, é de suma importância para a resposta ou o esclarecimento a diversas questões presentes nas academias, uma vez que, vemos estas instituições como espaços que vem a desconstruir os múltiplos preconceitos presentes em nosso dia-a-dia, principalmente quando se trata da figura feminina. É importante ressaltar que;

¹ COSTA, A. A. A. e SARDENBERG, C. M. B. 1994. **Teoria e práxis feminista na academia: os núcleos de estudos sobre a mulher nas universidades brasileiras.** *Revista Estudos Feministas*, número especial.

Também não se pode esquecer que o desenvolvimento desses estudos e a conquista de espaços próprios de reflexão, como os grupos de trabalho em associações científicas e os núcleos da mulher nas universidades, são também fruto de uma luta travada dentro da academia pelo reconhecimento da relevância e legitimidade da problemática da mulher como objeto de reflexão e análise (COSTA, SANDENBERG, 1994, p. 389).

Segundo essas autoras a criação desses núcleos, as pesquisas realizadas dentro deles e os trabalhos produzidos, representam uma grande contribuição para o avanço do movimento das mulheres. Abrindo também espaços dentro da academia, pois cada núcleo de estudo criado é mais uma porta que se abre para as mulheres, possibilitando a elas mais acesso a pesquisas sobre a história feminina, já que estes locais eram limitados. E ainda segundo as autoras citadas acima, a tarefa desses núcleos e sua relação com o feminismo são essenciais para a solidificação de uma academia igualitária. Porém vale lembrar que não foi tão fácil a aceitação desses espaços nas universidades, como explica a autora Joana Maria Pedro (2005):

(...) esta entrada não foi fácil: para muitas pessoas da universidade, as mulheres que compunham estes diversos núcleos de estudos, que se formaram desde os anos oitenta, eram consideradas “apenas” feministas, portanto sem qualificações acadêmicas; para as feministas que continuavam no movimento, estas mesmas mulheres eram desqualificadas como “acadêmicas” (PEDRO, 2005, p. 175).

O que Pedro quer dizer é que, embora esses núcleos sejam formados em sua maioria por professoras, pesquisadoras e alunas, parte da comunidade acadêmica muitas vezes as via como mulheres sem qualificação “apenas feministas”, ou seja, a sua formação acadêmica era desqualificada, e para as feministas elas eram apenas acadêmicas que não tinham qualificação para objetivarem uma luta ou um projeto. Essa é uma questão que merece uma análise mais aprimorada. Costa e Sandenberg descrevem a trajetória desses núcleos da seguinte forma:

A trajetória dos núcleos tem sido marcada por um processo de lutas em duas frentes de batalhas: de um lado, é necessário reafirmar, constantemente, a legitimidade científica da "questão da mulher" e seus desdobramentos enquanto objeto de análise e, assim, deixar claro a necessidade de incentivos aos estudos e pesquisas nessa área. De outro lado, trava-se um embate contra as políticas atuais de contenção de verbas para as universidades e o fomento à pesquisa básica, o que vem criando inúmeros obstáculos no sentido da garantia de um apoio institucional mais eficaz à captação dos recursos necessários à manutenção desses núcleos e à viabilização de suas propostas de trabalho (COSTA, SANDENBERG, 1994, p.392).

Estas propostas de pesquisa sofreram não só o preconceito por ser um núcleo de estudo de mulheres formado por mulheres, mas também enfrentam diversas dificuldades para se manterem ativos, como por exemplo, os obstáculos para implantação e manutenção, já que precisam de apoio institucional/financeiro para manterem as suas atividades de pesquisas.

De acordo com Costa e Sardenberg em 1979 foi criado o primeiro núcleo de estudo em uma universidade brasileira, o Núcleo de Estudo da Mulher- NEM- da Universidade católica do Rio de Janeiro. A criação deste núcleo serviu como exemplos para muitas de outras regiões. Em 1981 surge o Núcleo de Estudos, Documentação e Informação sobre a mulher – NEDIM da UFBA, dois anos depois surge o Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a mulher – NEIM, também na UFBA. E em 1984 são criados, mas três núcleos na Universidade federal de Rio Grande do Sul, de Santa Catarina e Minas Gerais.

As autoras Costa e Sardenberg (1994) afirmam que, pesquisas realizadas na década de 90 apontavam quase 150 núcleos de estudos localizados em universidades federais. Vale destacar, que estes núcleos não se proliferaram apenas no Brasil, como afirma a autora Joana Maria Pedro (2005), mas também em outros países, como nos Estados Unidos, por exemplo, os “Women’s Studies”, consolidando-se também em espaços acadêmicos e objetivando a troca de ideias sobre a problemática da mulher.

Para entendermos melhor conheceremos mais de perto como funciona o processo de criação e as atividades desenvolvidas nesses núcleos, através de uma pesquisa realizada no Núcleo de Estudo da Mulher Sertaneja NEMS, no qual será apresentado o processo de criação, composição e atuação de um núcleo.

2.2 CAJAZEIRAS: O SERTÃO PARAÍBANO NA DÉCADA DE 90

O Núcleo de Estudos da Mulher Sertaneja é um órgão suplementar do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), foi criado em 1991 e tinha como objetivo desenvolver estudos e pesquisas sobre a mulher, desenvolver atividades acadêmicas em que ela seria objeto de estudo, ofertar cursos vinculados a essa problemática. Prestar serviço à população feminina de baixa renda na região de Cajazeiras, com o objetivo de estimular a sua participação na sociedade.

Esse projeto surge da necessidade de pesquisar, e de investigar a mulher sertaneja, objetivando a criação de um banco de dados, no qual, a comunidade acadêmica pudesse realizar pesquisas sobre essa temática, com o intuito de tentar suprir a carência de trabalhos nessa área. Tendo com foco também dar visibilidade a história dessas mulheres.

É importante destacar que, esse projeto foi desenvolvido na cidade de Cajazeiras, que fica localizada no sertão paraibano, na Região Nordeste. E segundo o relatório de criação do NEMS, esse município, dispunha de uma razoável rede de serviços, como emissoras de rádio, algumas indústrias de pequeno porte e uma universidade.

Sua população de acordo com o censo de 1991 era de 51.431 habitantes, nos dias de hoje o número estima-se em 61.431 habitantes. Segundo dados apresentados pelo NEMS, em Cajazeiras na década de 90 as mulheres representavam 57% do seu contingente populacional, ou seja, elas eram maioria em relação aos homens, no entanto apesar dessa supremacia elas representavam minoria no mercado de trabalho, sendo apenas 25% da mão-de-obra empregada, em um universo feminino de 57% da população, como já foi dito.

Na medida em que as mulheres iam sendo excluídas do mercado de trabalho, acabou gerando um fator agravante não só em termos de prestígio, assumindo uma posição inferior, mas, sobretudo em termos salariais. Com base nos documentos do núcleo em estudo, no município de Cajazeiras naquele período a remuneração dos trabalhadores configurava-se em salários baixíssimos, sendo que grande parte recebia menos de um salário. De acordo com a documentação analisada, dentro deste cenário, as mulheres eram discriminadas e exploradas, por uma região alicerçada em diferenças biológicas e com uma forte e dominante predominância de valores socioculturais machistas. E ainda com base nessa documentação, as professoras colocam que necessitavam de um espaço claramente voltado para o estudo da mulher,

Nesse sentido, o nosso objetivo aqui é mostrar o contexto sociocultural que predominava nessa região, entendendo os caminhos em que se produziram os valores de determinada cultura que envolvia as mulheres nordestinas, em particular as sertanejas. Para Durval, definir a região:

é pensa-la como um grupo de enunciados e imagens que se repetem com certa regularidade, em diferentes discursos, em diferentes épocas, com diferentes estilos e não pensa-la homogênea, uma identidade presente na natureza. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 1999, pg. 24)

Ou seja, é importante pensar a região como um espaço que está em constante transformação social e cultural, levando em consideração as práticas e os discursos que circulavam nele. A partir desse pensamento podemos refletir sobre as motivações que levaram um grupo de professoras a criar um núcleo de estudo da mulher na região de Cajazeiras.

Dentro desse cenário temos que levar em consideração os vários estereótipos e os diferentes discursos que circularam e ainda circulam que envolve o nordestino em uma esfera viril, máscula, rústica e conservadora.

Pela descrição que se faz do tipo de atividades que executam percebe-se que, ao falar em homem, não se trata propriamente de um homem representante da espécie, mas de um homem representante de um gênero específico, ou seja, as mulheres estão sistematicamente excluídas. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2003, p. 214).

Para Durval Muniz (2003) em a invenção do falo, o sertanejo é produzido discursivamente como o futuro da raça regional, sendo visto como aquele que daria visibilidade a região, pensado sempre como um homem forte e resistente, um exemplo de luta entre o homem e a natureza, e da formação de um tipo regional adaptado a uma vida difícil.

Diante disso, nota-se a invisibilidade da mulher sertaneja, aparecendo sempre como um ser masculinizado, visto como a “mulher-macho”, onde Durval reforça, dizendo que:

No Nordeste, não era apenas o mundo masculino que estava fechado às mulheres, mas a própria região parecia excluir o feminino. A mulher-macho era aí uma exigência da natureza hostil e da sociedade marcada pela necessidade de coragem em destemor constante. Portanto, o discurso regionalista nordestino vai criando não só o homem nordestino, mas a própria mulher nordestina como caracterizados por traços masculinos, traços herdados do meio rural, das atividades agrícolas e pecuárias, em grande medida, traços da sertaneja. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2003, p. 247).

Segundo Alômia Abrantes da Silva (2008), essa mulher-macho vai sendo construída de diversas formas, em variados espaços, ora será definida como guerreira de luta e de resistência, mas também como figuras de luto, marcadas pela violência e pela injustiça social.

... mulheres-fruto de uma terra “naturalmente” marcada pelas dificuldades, cujos corpos, como extensões das imagens de virilidade e resistência inscritas no masculino, no “macho”, são capturados e inscritos numa área fronteira num hiato, num aprendizado de torna-se um duplo: feminino masculino. (SILVA, 2008, pg. 110)

Esse conceito de mulher-macho foi sendo construído, ocupando um lugar na imaginação dos homens e das mulheres não só daquela região, mas de diversos lugares, estando presentes em obras literárias de autores regionalistas, no cinema e na imprensa. Segundo Alômia Abrantes (2008) esses discursos investiram em um novo corpo de encarnação dessa mulher-macho, “construindo a imagem de uma região como metáfora de um corpo de mulher.” (SILVA, 2008, pg. 17) sustentando esse discurso como o exposto abaixo:

Imagem, entretanto, polissêmica, construída de diversos elementos simbólicos, signos que no decorrer do tempo assumiram diferentes formas, algumas se evidenciando de maneira mais marcante, outras mais diáfanas, colocando em jogo sentidos marcados por relações de conflito, construtos de disputas de saber e de poder. (SILVA 2008, pg. 24)

Nesse sentido, o NEMS enquanto núcleo objetivava ir contra a um discurso que masculinizava as relações de gênero e criava campos de silenciamento para o que fosse feminino. Nesse sentido o NEMS vem procurar alternativas para trabalhar essa invisibilidade e discriminação, orientando a sociedade sobre o papel da mulher e o seu lugar social.

2.3 COMO FUNCIONA O NEMS?

Essa pesquisa foi realizada através da documentação do Núcleo de Estudos da Mulher Sertaneja, que consiste em projetos, regulamentos, relatórios, essa documentação foi cedida pela professora Mariana Moreira Neto, hoje responsável pelo acervo do núcleo. O Núcleo era formado e coordenado pelas seguintes professoras; Marilene Dantas Vigolvinho, Mariana Moreira Neto, Maria Ilbaniza Gomes, Romércia Batista Santos, Maria de Lourdes Campos, Maria das Neves Soares, Ana Maria Batista e Maria do Socorro Batista Chavier, Maria Gorete do Nascimento Andrade e algumas

monitoras dos cursos de Pedagogia, Letras e Geografia. O que não quer dizer que elas eram as únicas que participavam do projeto, há registro no acervo do núcleo de projetos desenvolvidos por professores de diferentes departamentos que se identificavam e tinham interesse na pesquisa sobre a mulher.

De acordo com a documentação analisada, trata-se de um núcleo que pesquisa sobre mulheres, formado por mulheres e para mulheres. Esse núcleo vem ser de suma importância para o Centro de Formação de Professores, pois segundo sua documentação;

No Centro de Formação de Professores, a presença feminina é predominante entre professores, alunos e funcionários e que este tem como função primordial a formação de educadores e educadoras que irão atuar, profissionalmente, numa região onde os valores culturais denunciam uma forte formação machista. (PROJETO DE CRIAÇÃO DO NÚCLEO DE ESTUDO DA MULHER SERTANEJA, 1990)

Dessa forma o NEMS trouxe uma contribuição na formação desses educadores, trazendo para a comunidade acadêmica a possibilidade de uma melhor formação social, favorecendo também a abertura de um espaço feminino de discussão e troca de experiência dentro da academia.

O que nos faz pensar em como foi à aceitação desse núcleo de estudo da mulher formado por mulheres dentro de uma universidade. Segundo a professora Mariana Moreira, uma das integrantes do NEMS, durante o processo de implantação do núcleo houveram sim dificuldades, e dentre estas a mesma destacou as dificuldades financeiras e também certo preconceito no início do projeto, relatando que “algumas pessoas chegaram até a falar porque não um núcleo de estudo das relações políticas...” o que nos leva pensar o porque não se dava importância aos estudos da mulher? Mariana assegura que o núcleo desenvolveu importantes projetos dentro da academia, e que a comunidade acadêmica principalmente as alunas apresentaram um razoável interesse no projeto.

Assim sendo, apresentaremos o regimento do núcleo que mostra de forma clara seus objetivos e forma de atuação.

De acordo com o art. 3º do regimento geral da universidade criado pela resolução 01/93 do CONSEPE o Núcleo de Estudo da Mulher Sertaneja (NEMS) tem como finalidades permanentes:

a) Promover através dos departamentos do CFP ofertas de cursos vinculados a problemática da mulher, dentro de uma abordagem acadêmico-científico; b) desenvolver o estudo e a pesquisa de temas importantes para mulheres e que seja mais intimamente relacionado a um trabalho de apoio comunitário; c) criar uma área de documentação específica, reunindo publicações brasileira e internacionais, e também trabalhos universitários, para servir de subsídio ao ensino e as atividades de pesquisa; d) divulgar o resultado de estudos e de pesquisas, tanto os desenvolvidos no âmbito do CFP como fora dele, por meio de publicações, organização de mesas-redondas, palestras, programas radiofônicos e comunicações diversas; e) participar de reuniões desenvolvidas por associações, grupos, entidades, que digam respeito aos temas e trabalhos vinculados a problemática da mulher; f) buscar forma de prestar serviço à população feminina de baixa renda residente no município de cajazeiras, com a finalidade de estimular a participação da mulher na solução dos problemas que afligem a vida comunitária. (PROCESSO DE CRIAÇÃO DO NEMS-REGULAMENTO)

Para atender a estas finalidades o NEMS atuava: no ensino, na pesquisa, na documentação e também por meio de publicações. No ensino, ele realizava a solicitação de disciplinas no CFP que possibilitassem a discussão do papel da mulher na sociedade e que fossem ministradas pelas professoras integrantes do Núcleo. Na pesquisa, o mesmo influía com a realização de projetos sobre a condição feminina para um melhor conhecimento da mulher sertaneja. Na documentação, reunia materiais de pesquisa sobre a mulher sertaneja. E nas publicações, que ocorria conferências sobre a mulher, onde eram apresentados os resultados das pesquisas desenvolvidas no núcleo, além dos programas radiofônicos que abordavam as atividades desenvolvidas pelo NEMS e a problemática da mulher sertaneja, com a finalidade de atender não só as mulheres da academia, mas também uma boa parte da população cajazeirense, pois através do rádio muitas mulheres poderiam ouvir o programa.

O núcleo desenvolvia palestras sobre a mulher em bairros carentes da região de cajazeiras; seminários que capacitavam lideranças femininas, financiado pelo Serviço Alemão de Cooperação Técnica e Social (SACTES); assessoramento à Assembleia Geral de Mulheres de Icó-Ceara.

O NEMS desenvolveu também um importante projeto de alfabetização de mulheres adultas e de baixa renda, que tinha a perspectiva de que através da alfabetização as mulheres conseguiriam construir seu espaço como cidadãs na sociedade. Procurando assim qualificar essas mulheres profissionalmente para que estas conheçam seu espaço e lutem por seus direitos de mulher. Esse projeto envolvia docentes e discentes do departamento de Educação, Letras e História.

O projeto contava com o apoio financeiro do Serviço Alemão de Cooperação Técnica e Social (SACTES), teve início em novembro de 1991, funcionava nas terças, quartas e quintas-feiras, de 19:00 às 21:00 horas, atendendo a mulheres do bairro do Pôr do Sol, e a partir de 1992 estendeu-se para os bairros de Vila Nova e Mutirão. De acordo com as inscrições disponíveis no núcleo no total eram 66 mulheres inscritas no projeto, sendo, 12 do mutirão, 28 do Pôr do Sol e 26 da Vila Nova. Todas de baixa renda, grande maioria acima de 30 anos, analfabetas e casadas, vale ressaltar também que cerca de 39% dessas mulheres tinham entre 6 e 15 filhos, e eram dona de casa, ou quando trabalhavam grande parte era como doméstica.

Segundo os documentos analisados e as informações fornecidas pela professora Mariana Moreira, o NEMS parou suas atividades em 2006, por alguns motivos, algumas professoras se desvincularam da universidade, outras saíram para mestrado doutorado, se dispersando das atividades do núcleo. Mariana Moreira ficou responsável pelo acervo do mesmo, hoje ele não funciona mais, pois este ainda continua com vínculos com a UFPB, para voltar suas atividades seria necessário fazer um regimento com a UFCG. A professora Mariana ainda desenvolve projetos e estudos sobre a problemática da mulher, porém sem nenhum vínculo ao núcleo.

A partir dessa análise surge a questão: como um núcleo formado por mulheres, que pesquisava sobre mulheres e praticamente para um público feminino, atuava dentro de uma universidade federal em plena década de 90?

2.4 PARA ALÉM DAS SALAS DE AULAS: MULHERES QUE PESQUISAM E PRODUZEM SOBRE MULHERES

Como já foi dito anteriormente esses núcleos de estudo da mulher reuniam e ainda reúnem professoras e pesquisadores que estudam ou que antes dos núcleos já desenvolviam trabalhos voltados a esta questão. E com o NEMS não foi diferente, seu corpo era composto por professoras e basicamente por mulheres que realizavam pesquisas nessa área de estudo. Esse núcleo foi criado a partir da ideia do princípio da carência de trabalho e estudos feitos nessa área, no qual podemos observar através da pesquisa realizada no acervo deste, que o ponto crucial para a criação desse núcleo é a

discriminação e a exploração que a mulher sofre em consequência de viver em uma sociedade que ainda preserva um contexto conservador e machista.

Segundo o projeto “A Representação da Mulher Sertaneja na Literatura”, o conceito de mulher Sertanejo, discutido nesse espaço parte de uma pre-compreensão de que essa mulher é um ser, antes de tudo forte, corajoso e sofrido, muito embora seja sempre relacionado no coletivo. E foram a partir dessas primeiras indagações que as pesquisadoras deste núcleo, objetivaram buscar uma visão de mundo dessa figura Sertaneja.

Segundo as ideias presentes nos documentos do núcleo, “a igualdade entre homens e mulheres só poderá ocorrer quando houver um reconhecimento da mulher, quando houver uma forma de eliminar ou amenizar essa diferença de sexo imposto pela sociedade.” Então, seguindo essa lógica, o NEMS surge como uma proposta para amenizar esse problema que a mulher estava enfrentando, realizando um trabalho de conscientização do seu papel na sociedade, dando ênfase a mulher sertaneja e seu lugar na sociedade. Possibilitando a compreensão da participação da mulher sertaneja em diversos setores sociais, como na academia, na política, no trabalho fora do lar, em fim na sociedade em geral. É importante mencionar que essas professoras tinham como base teórica para estes pensamentos autores como, Joan Schot, Rachel Shoiet, Ruth Silviano Brandão, Lúcia Castelo Branco e Gilbert Durand.

Com base nesse pensamento, levantamos tal questionamento, quem são essas mulheres que decidiram ir além das salas de aulas para pesquisar e discutir a questão da mulher sertaneja? Para responder a esse questionamento, teremos como referência a leitura dos trabalhos desenvolvidos no núcleo, que nos possibilitara identificar quem são elas e entender o que e como pensavam essa proposta feminista e que tipo de feminismo elas escreviam.

Essas mulheres que estruturavam, coordenavam e realizavam as atividades no NEMS eram professoras do departamento de educação, Ciências Sociais e Enfermagem da Universidade Federal da Paraíba, eram mulheres que já desenvolviam ou já tinha interesse na pesquisa sobre a mulher. Eram pesquisadoras que de acordo com o que produziram no NEMS, tinham como bases teóricas para as discussões feministas Joan Schot, Teresa de Laurentis, Michel Foucault, discutindo dentro do núcleo a questão de gênero na academia, a representação da mulher na literatura, a relação de gênero na universidade.

De acordo com informações coletadas na Plataforma Lattes, a professora Romércia Batista é graduada em Enfermagem pela Universidade Federal da Paraíba e especialização em Educação Profissional na Área de Saúde: Enfermagem pela Escola Nacional de Saúde Pública. A mesma já foi Vice Coordenadora no NEMS, pode-se notar nitidamente que sua participação no núcleo estava voltada para as discursões da saúde da mulher e as questões de sexualidade.

A professora Maria Goreti do Nascimento Andrade também é graduada em Enfermagem pela escola de Enfermagem Santa Emília de Rodat, João Pessoa-PB, Mestre em Enfermagem. No período em que participou do NEMS ela era presidente da Comissão de Pesquisa do Departamento de Enfermagem/CFP/UFPB - Cajazeiras/PB.

Mariana Moreira Neto, possui graduação em Bacharelado em Comunicação Social pela Universidade Federal da Paraíba, mestrado em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba e doutorado em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (2009). Atualmente é professora titular da Universidade Federal de Campina Grande e Membro de corpo editorial do Caderno Multidisciplinar.

A professora Maria do Socorro Xavier Batista é graduada em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba, mestrado em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba e doutorado em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Atualmente é Professora Associada da Universidade Federal da Paraíba.

Marilene Dantas Vilgolvino também é graduada em Licenciatura plena em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba. As professoras Ana Maria Batista, Maria Ilbaniza Gomes e Maria de Lourdes Campos, faziam parte do departamento de educação da UFPB. Diante disso identificam-se várias áreas de ensino que estavam presentes dentro do núcleo, ou seja, diferentemente da sua formação, sua área de atuação, o havia um interesse destas mulheres em estudos sobre mulher sertaneja. Portanto estas foram algumas das mulheres que integraram, coordenaram e contribuíram de alguma forma para a formação e sustentação do núcleo de estudo da mulher sertaneja.

Podemos perceber que isso não influenciou na não participação do projeto (NEMS), pelo contrário esse projeto foi uma iniciativa de pesquisa justamente por essa falta de pesquisa, carência de um acervo de estudos da mulher. Essas professoras/pesquisadoras passaram pensar e problematizar sobre suas próprias vivencia suas trajetórias abordando suas diferenças e suas experiências, deixando de ser objetos de pesquisas para serem produtoras de conhecimento (PEDRO, 2005).

Embora algumas delas já tivessem alguma relação com grupos feministas que predominavam na região, ressaltando que segundo a professora Mariana a ideia inicial da criação do NEMS, nasce dentro de um grupo de mulheres, o “Sertão Mulher” onde algumas professoras da UFPB participavam desse grupo e trouxeram essa proposta de um Núcleo de estudo da mulher dentro da universidade.

Elas trazem para a universidade os questionamentos que eram discutidos em grupos isolados de mulheres, a autora Joana Maria Pedro (2005) diz que essas mulheres “na academia, tentam interferir, através de problemáticas inovadoras, questionando os pressupostos das disciplinas onde atuam.” Ou seja, elas buscam ir além de uma sala de aula, ou de um conteúdo já programado, elas procuram discutir a sua atuação enquanto professoras, e fazem uso do seu conhecimento acadêmico para trazerem essa problemática da situação da mulher para dentro da sala de aula, para dentro da universidade.

É relevante destacar a participação dessas mulheres que faziam parte do corpo administrativo do NEMS em seminários, conferências, palestras e outros eventos sobre a questão da mulher realizados nas cidades e estados vizinhos. O registro da participação delas nesses eventos nos leva a pensar o empenho e disposição que as mesmas tinham não só para divulgar os projetos desenvolvidos no NEMS, mas, também para cada vez mais aprimorar seus conhecimentos e buscar novos saberes.

É importante ressaltar também o que elas produziam e liam, levando em consideração a formação de cada uma e o contexto em que estavam inseridas, pois apesar da década de 90 ser um período de extensão e aperfeiçoamento das ideias feministas, não podemos descartar que o período de formação dessas professoras foi outro. O que nos leva a pensar; que tipo feminismo era discutido e produzido nesse espaço? Tomando como base para tal questionamento, analisamos os projetos do núcleo, levando em consideração as referências neles contidos.

Nessas análises, notamos em algumas de suas produções importantes e relevantes nomes na história do feminismo como, por exemplo, Joan Schott e Rachel Soihet, autoras que tem uma discussão teórica bastante relevante para a produção feminina, tendo como referencia também as autoras Ruth Silvano Brandão e Lucia Castelo Branco.

Essas mulheres partilhavam dentro do núcleo um discurso relacionado a uma historia social, ou seja, o núcleo apresentava em seus projetos a preocupação de conscientizar a mulher sobre seus direitos enquanto cidadãs, buscando através deste,

tornar visível a figura da mulher sertaneja, tendo como base, de acordo com os documentos analisado, autores como Raquel Soihet já citada, que discute em suas publicações essa questão do estudo da mulher e a entrada deste na historiografia e outros já citados acima, além da autora Bila Sorj que discute em suas publicações um feminismo na modernidade, suas publicações referenciadas eram de 1992, e do autor Gilberto Durand com sua obra “As escrituras Antropológicas do imaginário”, onde este vem discutir o conceito de antropológico no imaginário.

Observamos também uma produção basicamente voltada para a literatura feminina e o ensino de mulheres jovens e adultas e a relevância deste na vida delas, o que não quer dizer que só era produzido sobre isso. O núcleo também apresenta em seu acervo alguns projetos voltados à saúde da mulher, a sexualidade, aos direitos da mulher e a violência contra mulher na cidade.

Analisando as referências de alguns projetos inclusive um sobre a literatura da mulher sertaneja, percebe-se nas produções literárias uma forte presença da literatura regional, como Graciliano Ramos em “vidas secas”, Euclides da Cunha com sua obra “Os Sertões”, Domingos Olímpio com seu romance “Luzia-Homem”, também aparecem Nos romances de Afrânio Peixoto, como “Maria Bonita” e “Fruta do Mato”.

De acordo com o projeto “A Representação da Mulher Sertaneja na Literatura” desenvolvido NEMS, através dos romances literários citados acima, as integrantes e pesquisadoras desse núcleo procuravam, “desmitificar a desgastada imagem da mulher sertaneja tida como encarnação do signo do conformismo e por essa razão confundida em seu sentimento de solidão.”(Projeto: A Representação da Mulher Sertaneja na Literatura, NEMS, 1993).

Através dessas pesquisas literárias essas professoras e pesquisadoras buscavam compreender a figura da mulher Nordeste-Sertaneja dentro desse universo literário/imaginário. Ou seja, elas buscavam analisar a representação dessa mulher sertaneja dentro dos romances regionalistas, pois segundo estes projetos analisados dentro desses romances, “as narrativas das personagens femininas submergem em suas vozes exiladas, retirantes que são em pleno sofrimento.” Assim sendo, essas professoras discutiam em suas pesquisas que nessas narrativas o que se vê e o que se sente são vozes alheias, perfis criados, onde não se vê a voz feminina, mas sim seu simulacro.

Diante disso, observamos não só o empenho dessas mulheres na produção e divulgação dos projetos realizados no núcleo, como também a preocupação que as mesmas tinham no trabalho de conscientização da mulher. Onde desenvolviam projetos

de pesquisas sobre a mulher, palestras e atividades, como o curso de alfabetização para mulheres adultas que beneficiava não só a comunidade acadêmica que tivesse interesse nesse campo de estudo, mas também uma considerável parcela população da comunidade de cajazeiras.

Elas tinham a preocupação de ampliar a sua atuação para as mulheres de uma maneira geral da região cajazeirense, para isso era realizado algumas atividades fora da academia como, por exemplo, o programa radiofônico “Fala Sertão Mulher” que era apresentado na Difusora Rádio Cajazeiras e trazia em sua programação a situação da mulher sertaneja, esse programa tinha o objetivo de sensibilizar as mulheres da comunidade de cajazeiras.

Mediante aos fatos apresentados e a discussão realizada notamos que essas mulheres viam o núcleo como um espaço capaz realizar ações teórico-práticas, no sentido de criar bases político-materiais para se pensar as relações sociais de dominação da mulher cajazeirense. No próximo capítulo discutiremos a atuação destas mulheres com outras mulheres.

CAPITULO III

NEMS: UM LUGAR DE (TRANS.) FORMAÇÃO SOCIAL

3.1 ATIVIDADES E PROJETOS DESENVOLVIDOS NO NEMS

Segundo as autoras Costa e Sardenberg (1994) é importante analisar na pesquisa quais os efeitos que os núcleos de estudos da mulher têm produzido não só no interior da universidade, mas para além das salas de aulas, dos laboratórios de pesquisas, para além dos muros da academia. É importante analisarmos como tem sido a atuação desses núcleos não só na comunidade acadêmica, mas também na comunidade em geral. Então, pensando por esse viés a nossa discursão aqui consiste em analisar a atuação do NEMS dentro e fora da UFPB, apresentando seus projetos e sua atuação na universidade e na comunidade de Cajazeiras.

De acordo com o projeto de criação do NEMS, “não haverá cidadania enquanto não houver direitos e deveres iguais, enquanto homens e mulheres não forem tratados como seres humanos, sem domínio de um sobre o outro”. Em termos práticos o NEMS é um espaço onde as mulheres buscavam recriar novas formas para expressar seus sentimentos, suas lutas, sonhos e esperanças. Além dessa produção e transmissão de conhecimento através de palestras, conferências de conscientização da condição feminina, eram realizados também eventos, como “O NEMS MOSTRA SUA CARA”, realizado no CFP-UFPB, com a promoção de atividades como recital de poesia, exposição de livros e revistas feministas do acervo do NEMS, show musical e leitura de textos sobre a mulher, sendo apresentado a comunidade universitária, divulgando também seus objetivos e seus projetos que estavam sendo promovidos.

Em 1991 o NEMS produziu o primeiro volume da cartilha “OS DIREITOS DA MULHER”, editada pela Editora Universitária/UFPB, João Pessoa, onde abordava os direitos da mulher aprovados na constituição de 1988, e além do texto escrito, trazia também ilustrações que facilitavam a compreensão do conteúdo. Segundo os relatórios de atividades do núcleo, ela servia de apoio para grupos de mulheres que tinham interesse em conhecer seus direitos, mas não tinham acesso a outras informações.

Esta cartilha era composta por textos escritos acompanhados de ilustrações e falas em quadrinhos que representavam fatos do cotidiano das mulheres, apresentando em seu conteúdo questões sobre violência doméstica, direitos trabalhistas e igualdade

social entre homens e mulheres. Discutindo também a constituição e o código Civil, contendo também alguns artigos relacionados aos direitos da mulher. Essa cartilha foi criada pelas professoras Marilene Dantas, Mariana Moreira e Ilbaniza Gomes, tendo à colaboração dos assessores jurídicos Pietro Alencar e Jeová Vieira Campos, as legendas foram produzidas por Marcondes Gonçalves e as ilustrações por Luiza Moisés de Souza. Quanto a repercussão desta, não obtivemos informações no acervo do núcleo.

No ano seguinte promoveu o curso ‘TÉCNICO EM ANIMAÇÃO EM ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS’, realizado nos dias 14 e 15 de dezembro de 1993, na cidade de Cajazeiras, direcionado a educadores de alfabetização de jovens e adultos, objetivando vivenciar técnicas de animação que auxiliassem nessa prática. Esse curso contou com o apoio da Associação dos Educadores Cristãos – AEC, o Núcleo de Educação de Adultos e Oficina Pedagógica – NEAOP, a Secretaria de Educação da Paraíba – nona CREDE, a Secretaria de Educação de Cajazeiras, o Banco do Brasil – Agencia Cajazeiras e a Pastoral da Criança.

Em 1994 o NEMS passou a apresentar o programa radiofônico “FALA SERTÃO MULHER”, transmitido pela Difusora Rádio Cajazeiras, em Cajazeiras, que tinha uma periodicidade semanal com duração de trinta minutos, permanecendo de Julho a dezembro de 1994. Esse programa buscava trabalhar a notícia como bem social e visava politizar a população, divulgando as informações relacionadas às atividades desenvolvidas pelo NEMS e entidades populares, envolvendo também atividades como entrevistas, debates, notícias, músicas e outros temas relacionados à mulher. Esse programa contava com o financiamento do Serviço Alemão de Cooperação Técnica e Social – SACTES.

Um dos projetos realizados no núcleo que consideramos de bastante relevância para a comunidade cajazeirense foi, o projeto de “ALFABETIZAÇÃO COM MULHERES ADULTAS DE CAJAZEIRAS”, tendo início em novembro de 1991, funcionava nas terças, quartas e quintas-feiras, de 19:00 às 21:00 horas, atendendo as mulheres do bairro do Pôr do Sol, com aproximadamente 20 mulheres, e a partir de 1992 estendeu-se para os bairros de Vila Nova e Mutirão. Segundo os relatórios do núcleo, este trouxe uma considerável contribuição para esse processo de construção do conhecimento social e de conscientização dos direitos e deveres sociais femininos. Pois, contribuiu para a formação social dessas mulheres carentes e teve ponto de partida a problemática do analfabetismo e principalmente da preocupação de como era a convivência delas em uma sociedade que as omitiam e as menosprezavam.

Através desse projeto as integrantes desse núcleo procuraram criar condições para que as mulheres que participavam dele além de aprenderem a ler e escrever fossem também capazes de compreender e problematizar a condição feminina e a realidade social em que estavam inseridas, as incentivando também a lutarem para mudar essas diferenças.

Colocando em discussão também a importância de se ter uma vida digna e a necessidade de lutar por uma vida na qual haja oportunidades iguais, sem discriminação, opressão nem submissão feminina. Segundo os documentos do NEMS essas discussões tinham como objetivo de sensibilizar e conscientizar as mulheres sobre seus direitos e sobre o seu lugar na sociedade, levando em consideração que essas mulheres não tinham conhecimento algum sobre estes pontos discutidos. Por isso, que também foi apresentado e discutido as injustiças sociais e culturais entre homens e mulheres, a fim de que além do conhecimento essas mulheres conseguissem despertar uma visão crítica sobre essas questões. Como podemos ver nesse trecho do documento: “procuramos sensibilizar as mulheres para a importância de se ter uma vida compatível com dignidade humana, bem como, tentamos provocar nelas a necessidade de se lutar por uma vida em que haja mais igualdade de oportunidades...”, ou seja, o núcleo deixa bem claro em seus documentos e projetos os objetivos e onde queriam chegar com o projeto de alfabetização com mulheres adultas.

Com base nas análises feitas nos relatórios de atividades do NEMS, as professoras e as demais integrantes desse núcleo trabalharam também dentro do projeto de alfabetização um curso profissionalizante para essas mulheres, o curso de estamparia, de confecção de bonecas de pano, crochê e ponto cruz. Essa proposta objetivava incentivar estas mulheres a participação em cursos de capacitação profissional preparando-as para o mercado de trabalho. Dentro desse contexto era mostrada a questão do trabalho feminino, evidenciando que a cidadania é fruto do trabalho, discutindo a questão não só da formação profissionalizante, mas os benefícios que essa formação vai trazer para a mulher, como por exemplo, o trabalho fora do lar e conquista da independência financeira.

A partir das atividades, das pesquisas, dos trabalhos e dos projetos sociais desenvolvidos pelo NEMS para as mulheres da região de Cajazeiras, podemos considera-lo como um espaço de formação social, já que o mesmo procurava em suas atividades formar mulheres capazes não só de aprender a ler e a escrever, mas capazes de entender as desigualdades, dificuldades e os preconceitos sociais.

Assim, o núcleo era marcado por mulheres que ensinam outras mulheres os direitos e deveres das mulheres, mas não é só isso, já que o NEMS também foi um espaço de transformação social dentro e fora da academia. Dentro da academia o núcleo se fazia presente na realização de pesquisas sobre a mulher, nas publicações de trabalhos, nas conferências, nos eventos que o mesmo realizava para a comunidade acadêmica que podem ser vistos como um campo de transformação social, uma forma que estas mulheres viram para trazer o feminismo para dentro da UFPB e uma forma de valorizar e tornar mais visível à presença feminina no ensino superior.

3.2 ALFABETIZAÇÃO DE MULHERES ADULTAS SOB UM OLHAR FEMINISTA

É importante salientar que a escolha dessa pesquisa pelo projeto de “Alfabetização com mulheres adultas de Cajazeiras” se deu pelo fato de que o mesmo contribuirá para responder aos questionamentos dessa pesquisa, através de seus relatórios e pesquisas, para pensarmos como foi a atuação dessas mulheres com outras mulheres na comunidade de cajazeiras, para assim compreendermos esta prática feminista e as problemáticas nela inseridas.

Para entendermos porque ocorre o analfabetismo de mulheres adultas, autora Janira Siqueira Camargo (2012) apresenta em seu trabalho alguns fatores que podem interferir nesse processo de alfabetização de mulheres adultas, discutindo que:

...dentre os dados levantados, verificaram que das alegações para a evasão da escola em 60% dos casos envolviam aspectos relacionados como casamento, maternidade, ou porque os maridos não cuidavam dos filhos enquanto elas estavam na escola, ou porque os maridos tinham medo de serem superados por elas (na medida em que alcançassem maior autonomia profissional com o melhor nível de escolarização).

...discursos muitas vezes incorporados pelas próprias alunas como verdade e fazendo com lês pelas próprias alunas como verdade e fazendo com elas evandasem da escola sempre que sua permanência entra em choque com alguma atividade domestica. (CAMARGO, 2012, pg.158)

Partindo desse discurso e tendo como base os relatórios do Núcleo em estudo, o projeto de Alfabetização com Mulheres Adultas promovido pelo NEMS, na cidade de Cajazeiras e financiado pelo Serviço Alemão de Cooperação Técnica e Social

(SACTES), surge² a partir da preocupação com a problemática do analfabetismo, principalmente da população adulta feminina de comunidade de cajazeiras e da convivência dessas mulheres que em sua grande maioria fazem parte de uma camada mais carente da sociedade, sociedade esta que as inferiorizavam pelo fato de ser mulheres e também da posição em que nela ocupavam.

O projeto teve início em novembro de 1991, funcionava nas terças, quartas e quintas-feiras, de 19:00 às 21:00 horas, atendendo a mulheres do bairro do Pôr do Sol, com aproximadamente 20 mulheres, e a partir de 1992 estendeu-se para os bairros de Vila Nova e Mutirão. Além das professoras integrantes do núcleo elas também contavam com a participação das monitoras e secretárias, alunas do curso de Pedagogia, Letras e Geografia. Com base na documentação do acervo do NEMS, eram 66 mulheres inscritas nesse projeto, sendo que, 12 eram do bairro mutirão, 28 do Pôr do Sol e 26 da Vila Nova. E tendo como base os relatórios de atividades desenvolvidas no NEMS, esse projeto permaneceu até o ano de 1996, pois no relatório de 1997 não consta mais a continuidade do projeto, o que nos leva a pensar que tenha acabado em 1996.

De acordo com as análises feitas nessas 66 inscrições, notamos todas que estavam inscritas eram pessoas de baixa renda, e grande maioria apresentava uma faixa etária de idade acima de 30 anos. E o que nos chamou atenção também foi o número de filhos que essas mulheres tinham, transformando os números em porcentagem chegamos ao resultado que 31,47% mulheres inscritas tinham entre 01 a 05 filhos, 22,33% tinham entre 06 e 07 filhos e 4,6% tinham acima de 10 filhos, apenas 9,14% dessas mulheres não tinham filhos. Com relação a profissão delas grande maioria era doméstica e dona de casa. 44% dessas mulheres eram casadas, o restante era solteira, algumas divorciadas e poucas viúvas.

Esses dados nos ajudaram a pensar a situação financeira, educacional e profissional destas mulheres, para que assim possamos pensar como se deu a atuação das professoras com essas mulheres e como era feita essa discussão, entendo quem são essas professoras integrantes do núcleo e qual a sua prática feminista. Já que como vimos acima, são mulheres de baixa renda, muitas dependentes do seu parceiro, com um número de filhos consideravelmente elevado, comparado a sua renda. Enfim, eram pessoas aparentemente de vida difícil e com pouco conhecimento, principalmente sobre

² Segundo as informações contidas no projeto “A Educação de Adultos numa Perspectiva Feminista”.

o que NEMS traria para sua vida social enquanto mulher, de início elas viam o projeto de alfabetização apenas como aulas para aprender a ler e escrever.

O NEMS tinha como proposta uma ação político-pedagógica que visava à construção de um saber que possibilitasse as mulheres tomarem consciência de si mesmas e da sociedade em que estavam inseridas. Visando a alfabetização com a perspectiva de que elas conseguissem com a leitura e a escrita reelaborar o seu mundo de mulheres enquanto cidadãs. Buscando criar condições para que estas aprendessem a ler, escrever, calcular e também compreender a realidade social e feminina, procurando questioná-la e superá-la.

Observamos que esta prática pedagógica se fundamentava em teorias que possibilitavam a construção do conhecimento, e segundo o projeto em análise, até meados de 1992, tinha como referencial teórico a teoria de Paulo Freire e Heloisa Vilas Boas, desde então buscavam apoio também nas teorias de Emília Ferreiro e Ana Teberosky. O que segundo os projetos do núcleo a escolha por esse referencial se deu pelo fato das professoras não queriam repetir aquela velha prática pedagógica da pura transcrição de conhecimento. Reforçando, dizendo que “estamos convencidas de que o saber deve ser construído a partir das experiências”, ou seja, elas tentavam se colocar lado a lado com as alunas. Nota-se também que esse processo educativo estava estruturado sobre duas categorias chaves nesse projeto de alfabetização, a Cidadania e o Feminismo.

Em termos práticos, essas categorias funcionavam da seguinte forma: durante as aulas de alfabetização as professoras procuravam mostrar para aquelas mulheres que a cidadania não era feita só de direitos, mas também de deveres a cumprir, buscando também sensibilizar essas mulheres para a importância de ter uma vida digna, bem como estimulando a necessidade de se lutar por uma vida onde haja oportunidades iguais para homens e mulheres. Enfatizando que, cidadania e feminismo andam juntos, pois segundo as ideias propostas pelo NEMS não haverá cidadania enquanto não houver direitos iguais entre homens e mulheres. Os temas foram divididos em subtemas e trabalhados em unidades, cada unidade era formada por um conjunto de atividades que eram trabalhadas com base na realidade de vida das alunas. A duração dessas unidades não era pré-determinadas, pois segundo os relatórios no núcleo o número de aulas para o seu desenvolvimento dependia do nível de interesse das alunas, do seu rendimento e do grau de complexidade de cada unidade.

É importante destacar que ao analisar os relatórios de aulas, percebemos que em algumas etapas do projeto as professoras se depararam com algumas dificuldades para realizar essas discussões em sala. Já que em alguns relatórios de aulas, nota-se claramente a recusa ou a falta de interesse apresentados por parte de algumas alunas do projeto, as mesmas questionam que vieram “para aprender a ler e a escrever, não para assistir palestras!” Muitas delas viam essas discussões como um assunto que não tinha importância, que não fazia parte da aula, mas depois perceberam e afirmaram que as palestras estavam sendo importantes para elas.

Não só as alunas sentiram certo grau de dificuldade para entender a ideia posta pelo projeto, os relatórios também apresentam o posicionamento das professoras, onde as mesmas comentam algumas dificuldades de como fazer algumas atividades em que essas mulheres pudessem entender a proposta colocada, como nota-se nesse comentário: “fica então, a indagação: como fazer para que as mulheres, através do desenho consigam expressar algum sentimento que revele seu entendimento da condição da mulher.”

Percebemos também a preocupação destas, em adotar novos procedimentos metodológicos que melhor atendessem a essas questões, quando colocam que, “isso merece, da nossa parte, um aprofundamento para melhor compreendermos tais situações e buscar alternativas para supere-las.”

Em relação a esse ponto, ao longo dos relatórios das aulas percebemos que, a metodologia aplicada nas aulas e as discussões que eram realizadas sobre a situação da mulher, iam sendo construídas de acordo com a situação das alunas e suas indagações. Pois tem que levar em consideração que não se tratava apenas de um espaço de discussão feminista, mas também de um espaço de alfabetização, onde as mulheres que ali estavam, buscavam aprender a ler e escrever, enquanto as professoras do projeto buscavam uma alfabetização com uma perspectiva feminista, já que muitas das alunas de início viram aquele projeto apenas como um lugar de aprender a ler e escrever.

Durante as aulas eram apresentadas palavras que remetessem a mulher, e ao passo em que as alunas iam aprendendo um novo fonema, uma nova palavra, também ia sendo posto em práticas conversas sobre os direitos delas. Podemos observar na fala de uma das professoras como eram realizadas algumas atividades, quando a mesma fala:

Na última atividade, sugerimos que as mulheres falassem palavras que elas relacionavam com a mulher, na tentativa de tentar identificar como elas se percebiam como mulheres. Mais uma vez, constatamos

que todas tem uma imagem bastante negativa da mulher, como algumas chegaram a adjetivar a mulher como “sebosa”, “preguiçosa”, etc. (RELATÓRIO DE AULA DO DIA 09/08/1991)

Segundo o relatório citado acima, quando as professoras pediram para que as mulheres falassem palavras relacionadas a mulher, as mesmas falaram palavras relacionadas ao lar, ao trabalho doméstico, a limpeza, sofrimento, traição, exploração, tristeza.

E aos poucos as professoras foram encontrando atividades que despertassem o interesse das alunas, ao passo que segundo os relatórios de aula, as alunas iam percebendo a importância de conhecer os direitos da mulher, como vê na fala de uma delas, “Agente gostaria de conhecer mais os direitos da mulher...”. E a partir de então, as aulas eram iniciadas com pequenas questões e problemáticas a respeito da situação da mulher, muitas dessas questões eram vivenciadas por elas mesmas, e a partir desse ponto era dada continuidade as aulas de alfabetização. É interessante falar que durante as aulas pelo que observamos nos relatórios as professoras estão sempre trabalhando com palavras e atividades que nos remetam a mulher e a situação da mesma.

Entre os projetos do NEMS incluía divulgação (através da cartilha dos direitos da mulher) das leis da constituição a favor dela, esclarecendo os direitos femininos dentro e fora do lar. Estas leis eram sobre a violência doméstica, direitos conjugais, trabalhistas, educação igual para ambos os sexos. Apesar das mulheres estarem começando a tornarem-se independentes o NEMS mostrou que essa independência não era para todas, muitas não tinham acesso à essas leis, não sabiam desses direitos, assim sendo, essas professoras viam no núcleo um espaço onde elas pudessem divulgar esse processo de autonomia da mulher, onde a leitura seria uma possibilidade delas buscarem esse conhecimento.

E de acordo com os projetos e relatórios do núcleo, as alunas demonstravam significativos avanços no processo de aprendizagem à leitura e a escrita. Vale lembrar, que se tratava de mulheres com faixa etária entre 20 e 75 anos, que moravam na periferia e em grande parte são responsáveis pela sua sobrevivência e da sua família. Por isso que cada letra conhecida era visto como um avanço significativo, pois se leva em conta não só a leitura, mas a situação em que cada mulher encontrava-se.

Por isso que consideramos importante destacar não só o empenho das professoras no projeto, como também a participação das mulheres da comunidade, sendo elas uma das principais peças nesse projeto, sem elas não haveria quem

alfabetizar. Nos relatórios de aula, as professoras destacam o cansaço dessas mulheres-alunas quando chegavam à escola depois de uma jornada que variava entre 08 a 10 horas de trabalho diário. E é a partir desses fatos que podemos observar o empenho dessas mulheres na busca do saber.

Segundo as falas das professoras presentes nos relatórios do projeto de alfabetização com mulheres adultas, apesar das dificuldades encontradas ao longo do projeto, estavam tendo razoável domínio na leitura e na escrita, outras ainda não tinham conseguido avançar nesse processo. Quanto a questão da problemática da mulher, do saber crítico, as professoras citam que estavam construindo em suas consciências de ambas as partes professoras e alunas uma abertura de saber crítico que possibilitasse enxergar o mundo por uma nova perspectiva.

Deste modo, observamos que o que foi proposto lá no início do projeto a respeito dos objetivos a serem alcançados estava sendo posto em práticas aqui nas aulas descritas nos relatórios. Isto é, ao passo que essas mulheres vão aprendendo a ler e a escrever, notamos nos relatórios e nas pesquisas desenvolvidas dentro desse projeto, que elas também estavam conhecendo os seus direitos enquanto mulheres e seu lugar na sociedade, começando a perceber também que educação e saber eram uma das pontes, para a construção de uma vida social melhor e igualitária entre homens e mulheres.

3.3 A CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO FEMINISTA

Nos relatórios de atividades do NEMS, temos a proposta de projeto de geração de renda com a proposta Do “Curso de Estamparia, Confecção de Bonecas de Pano, Crochê e Ponto Cruz”, que estava previsto para o início de julho de 1997, com duração de 06 meses, coordenado pela professora Mariana Moreira, onde funcionaria na Escola Municipal de 1º Grau Vitoria Bezerra, Bairro Por do Sol, às terças, quartas quintas feiras, no horário de 19:00 às 21:00, sendo dividido em duas etapas, uma teórica e outra prática.

O objetivo deste curso segundo o relatório de geração de renda seria preparar as mulheres das classes mais populares, da periferia, para responder aos problemas que afligem a vida econômica e social da comunidade de Cajazeiras. Visto que, segundo o relatório citado, as oportunidades de emprego nesse período eram bastante raras, e o principal motivo é a falta de mão-de-obra qualificada. E quando aparece uma oportunidade, o que restava a essas mulheres eram empregos de domésticas, lavadoras e

outros relacionados ao trabalho de casa, já que atividades como estas não cobravam uma melhor qualificação.

Ainda assim, segundo o que apresenta os relatórios do Núcleo em estudo, grande parte da população feminina ainda ficava de fora do mercado de trabalho, pelo fato de serem “donas de casa” e se dedicarem apenas as tarefas do lar. Sujeitando-se a viver na dependência financeira dos seus maridos. Assim sendo, o NEMS acreditava que a criação de um espaço de capacitação e produção feminina possibilitaria a essas mulheres uma abertura para que elas superassem o atraso cultural, a submissão sexual e o trabalho. Visto que, esse curso traria a essas mulheres uma profissionalização e uma possibilidade de renda para a família, pois no mercado formal elas teriam pouca ou nenhuma chance de emprego.

Assim sendo, o NEMS acreditava que esse Curso de Estamparia, Confecção de Bonecas de Pano, Crochê e Ponto Cruz juntamente com o Projeto de Alfabetização de Mulheres Adultas de Cajazeiras, proporcionaria a essa comunidade um espaço de aprendizagem e troca de conhecimentos, onde as mulheres beneficiadas desse projeto, como já foi discutido acima, teriam a oportunidade de aprender a ler e a escrever e também tomar conhecimento dos seus direitos e deveres enquanto mulheres, além de uma capacitação que lhe poderia trazer uma renda extra. O conhecimento e leitura traria a essas pessoas uma possibilidade de um trabalho fora do lar.

Diante da discussão observamos que o NEMS trouxe para a universidade, a possibilidade de desenvolver pesquisas e projetos dentro da academia relacionados a problemática da mulher, e não se pode negar que a presença de um núcleo de estudos da mulher nessa região traria propostas e iniciativas que proporcionaria também a comunidade discussões e projetos sobre os direitos da mulher na sociedade. Porém algo nos deixou a desejar, algo que ocorreu não apenas no NEMS, mas em basicamente todos os núcleos de estudos da mulher, a falta da presença masculina, pois no decorrer dessa pesquisa o que se observou foram mulheres pesquisando, ensinando e aprendendo. Não percebemos a participação de homens nesse núcleo, eram núcleos formados por mulheres que atendiam a um público basicamente feminino. Como vimos no NEMS, eram mulheres que pesquisavam sobre mulheres para mulheres.

Além dessa questão, outro fator nos chamou a atenção. A autora Joana Maria Pedro (2005) define essa questão de “gueto” na academia, explicando que “mesmo dentro das universidades, poucas áreas de conhecimento utilizam, em suas análises, os

conhecimentos produzidos por estas pesquisas” (PEDRO, 2005, p. 175). Reforçando ainda que:

Fora dos núcleos, dos estudos, das disciplinas especializadas e das linhas de pesquisa voltadas para estas questões, bem pouco é incorporado. É como se tudo que se refere a este campo fosse deixado para as “especialistas”. (PEDRO, 2005, p. 175)

Ou seja, apesar de todo crescimento destes estudos de mulher, falar dessa questão nas universidades muitas vezes ainda desperta hilaridade, como se o estudo de gênero, da mulher, fosse uma coisa que devesse ser discutida baixinho, em espaços reservados, talvez ainda seja essa hilaridade que cause esse “gueto” nos núcleos de estudos da mulher na academia.

Por fim ao longo dessa análise, percebemos no NEMS um espaço de produção e atuação feminina, em que essas mulheres (professoras) enquanto coordenadores deste buscaram através do feminismo construir possibilidades para um estudo e compreensão da mulher do Sertão, desenvolvendo também projetos sociais que possibilitassem a entrada desse diálogo feminista na comunidade de Cajazeiras.

Nesta pesquisa, o NEMS foi trabalho como fonte histórica para analisar a atuação dessas professoras dentro e fora da academia, pensando-as como seres capazes de realizar ações teóricas e práticas voltadas para a discussão feminista dentro e fora da UFPB. Mas, não podemos esquecer-nos do período de formação dessas professoras e do período em que as mesmas estavam discutindo estas ideias.

Assim sendo, percebemos com essa pesquisa que essas mulheres eram professoras acadêmicas que tinham ideias e propostas feministas e viam o núcleo como um espaço de expressar e por em prática seus sentimentos, suas lutas esperanças, onde puderam desenvolver projetos que levassem a comunidade discussões sobre a problemática da mulher, principalmente sobre a importância da igualdade entre homens e mulheres, e pesquisas voltadas a essas questões, produzindo assim um feminismo voltado para o período de 1980. E foi assim que entendemos e tentamos responder as questões levantadas no início desta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho analisamos o que é um núcleo de estudo da mulher e como este atua. Com base nessa pesquisa foi possível entender como se deu a chegada desses núcleos de estudos da mulher nas universidades, conhecendo de perto, através do Núcleo de Estudos da Mulher Sertaneja-NEMS, o que é e como estes atuam nas universidades.

O primeiro passo foi compreender o que é o feminismo e entender a sua trajetória até chegar à universidade, a partir dessa chegada compreendemos o surgimento e a proliferação destes núcleos, para então chegarmos ao NEMS. A discussão de gênero foi uma das maiores dificuldades que senti para realizar esta pesquisa.

Ao longo dessa pesquisa deparei-me com diferentes situações, a primeira delas foi a escolha das fontes, em meio a tanto documento, não sabia qual problemática iria trabalhar, até chegar a esse resultado pensei em inúmeras opções de análises todas referentes aos documentos estudados.

O desejo pela pesquisa me deixou envolver pelo documento, ao ponto que cada relatório lido me fazia sentir mais próxima daquele espaço, ao ponto de defender nesta pesquisa alguns discursos referentes aos documentos.

Assim, a partir da análise dos documentos escolhidos percebemos que o objetivo do NEMS era de desenvolver pesquisas sobre a mulher Sertaneja, criar um banco de dados onde à comunidade acadêmica pudesse realizar pesquisas sobre essa temática, trazendo visibilidade a história dessas mulheres.

Para a efetivação desse objetivo essas mulheres tinham como bases teóricas para as discussões feministas Joan Schot, Rachel Soihet, Teresa de Laurentis, Michel Foucault, discutindo dentro do núcleo a questão de gênero na academia, a representação da mulher na literatura, a relação de gênero na universidade. O que vai se observar são produções basicamente voltadas para a literatura feminina e o ensino de mulheres jovens e adultas e a relevância deste na vida delas, o que não quer dizer que só era produzido sobre isso.

O núcleo apresenta em sua documentação não só a preocupação em compreender a figura da mulher Nordeste-Sertaneja, como também conscientizar essa mulher sobre seu lugar na sociedade e sobre a importância da igualdade entre homens e

mulheres, desenvolvendo assim, projetos sociais que possibilitassem a entrada desse diálogo feminista na comunidade de Cajazeiras.

Assim sendo compreendemos com essa pesquisa que essas professoras acadêmicas discutiam e apresentavam ideias feministas baseado no feminismo da década de 80, que viam o núcleo como um espaço de por em prática esses discursos e de expressarem seus sentimentos e suas lutas, desenvolvendo projetos que levassem a comunidade esse discurso feminista. Trazendo para a comunidade acadêmica a possibilidade de uma melhor formação social, além de favorecer a abertura para um espaço de discussão feminina dentro na universidade em plena década de 90.

A realização desta pesquisa possibilita a abertura para novas formas de pensar e entender a atuação desse núcleo na academia e como se dava essa prática feminista. Pois a prática aqui pensada consiste na atuação destas mulheres/professoras com outras mulheres através do Núcleo de Estudos da Mulher Sertaneja, que objetivavam a construção de um espaço de produção e atuação feminina dentro da universidade, que trouxesse visibilidade a figura da mulher sertaneja.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras Artes**. Recife: FJN, Ed. Massangana, São Paulo: Cortez, 1999.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino: Uma invenção do falo, Uma história do gênero masculino (1920-1940)**. Maceió: Edições Catavento, 2003, 256p.

BANDEIRA, Lourdes; MELO Hildete Pereira de. **Tempos e Memórias, movimento feminista no Brasil**. Brasília-DF, Secretária de Políticas para as Mulheres-SPM, 2010, 68p.

COSTA, Ana A. Alcantra; SARDENBRENG, Cecília M. Bacellar. **Teoria e práxis feministas na academia: Os núcleos de estudos sobre a mulher nas universidades brasileiras**. *Estudos Feministas*, numero especial, p. 387-400, out. 1994.

COSTA, Ana A. Alcantra. **O movimento feminista no Brasil: Dinâmicas de uma intervenção política**. Instituto Universitário de la Mujer. Universidade Autonoma de Madri. 2005, 20p.

CAMARGO, Janira S. **A mulher nos documentos da educação de jovens e adultos e adultas**. *Ártemis*. Paraná, v. 14, p. 155-163, 2012.

GURGEL, Telma. **Feminismo e luta de classe: Historia, movimento e desafios teóricos do feminismo na contemporaneidade**. In: Fazendo Gênero 9, Diásporas, diversidades, deslocamentos. Grupo de estudos e pesquisas das relações sociais de gênero e feminismo. Rio Grande do Norte, 2010. 09p.

PINTO, Céli Regina J. **Feminismo, historia e poder**. *Sociologia e politica*. Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, 2010.

PINTO, Céli Regina J. **O feminismo do Brasil: suas múltiplas faces**. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 12, p. 237-253, maio-agosto. 2004.

PEDRO, Joana Maria. **Feminismo e gênero na universidade: trajetórias e tensões da militância**. *Historia Unisinos*, São Leopoldo, v. 09, n. 03, p. 170-176, setembro-dezembro. 2005.

SANTOS, Ramaiane C.; SACRAMENTO, Sandra Maria P. do. **O antes, o depois e as principais conquistas femininas**. *Revista Anagrama*, São Paulo, ano 05, ed. 01, p. 01-10, Setembro-Novembro. 2011.

SOARES, Vera. **Movimento feminista. Paradigmas e desafios**. *Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, Ano 2, p. 11-24, jul./dez. 1994.

SOARES, Vera. **Muitas faces do feminismo no Brasil**. In: Mulher e Política – Gênero e feminismo no Partido dos Trabalhadores. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 1998, p. 33-54.

SILVA, Elizabete Rodrigues da. Feminismo radical – pensamento e movimento. *Travessias*, Paraná, ed. 04, p. 01-14, 2008.

SILVA, Alômia Abrantes da. **Paraíba mulher-macho: tessituras de gênero, (dessa) fios da história**. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Pernambuco, CFCH História. Recife: O autor, 2008, 252p.

ZANETTI, Júlia Paiva. **Jovens feministas do Rio de Janeiro: Trajetórias, pautas e relações intergeracionais**. *Cadernos de Pagu*, São Paulo, n. 36, p. 47-75, janeiro-junho. 2011.

ANEXOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Marilene Dantas Vigolvinio
Profª do Dptª de Educação

Maria Ilbaniza Gomes
Profª do Dptª de Educação

PROJETO DE CRIAÇÃO DO NÚCLEO DE ESTUDOS DA MULHER SERTANEJA-NEMS

Cajazeiras, Agosto de 1990

1- APRESENTAÇÃO

O projeto ora apresentado tem como proposta a criação de um Núcleo de Estudos da Mulher Sertaneja (NEMS), buscando desenvolver atividades acadêmicas que tenham a mulher sertaneja como objeto de estudo, tentando suprir a carência de trabalhos nessa área.

É inegável a importância da contribuição que esse núcleo trará para o Centro de Formação de Professoras, tomando por base as múltiplas áreas de atividades onde pretende atuar como ensino, pesquisa, documentação, publicações, conferências e seminários,

Esperamos contar com a compreensão do agrégio Conselho de Centro na análise, sensível e justa, deste projeto, tendo como pressuposto a relevância que o NEMS irá assumir, não apenas para o Centro de Formação de Professoras, mas para a comunidade do Cajazeiras e da região.

Solicitamos ainda deste Conselho maior rapidez na apreciação deste projeto e na tramitação legal para sua implantação, possibilitando, dessa forma, o funcionamento do NEMS logo no início do Período 90.2.

2- JUSTIFICATIVA

A região geo-administrativa de Cajazeiras, compreendendo uma área de 11 municípios situados no extremo oeste da Paraíba, assume uma posição estratégica configurando-se como um polo intercassor dos estados da Paraíba, Ceará, Rio Grande do Norte e Pernambuco.

O município de Cajazeiras, como sede desse polo, dispõe de uma razoável rede de serviços, como emissoras de rádio, algumas indústrias, uma atividade comercial mais intensa e, inclusive, universidade. No entanto, essa região ressoa-se, consideravelmente, de um espaço claramente definido voltado para o estudo da mulher.

Atualmente, na região de Cajazeiras, como em todo o país, é inquestionável o processo de libertação da mulher, que começa a vencer a barreira do lar, passando a participar, mais ativamente, da vida pública, através de sua inserção no mercado de trabalho, nas instituições políticas e nas entidades e associações comunitárias e de classe. Por isso, a luta da mulher por sua emancipação é irreversível, porque não se pode parar o curso da história. Assim é que, o por-se a esse processo, por ação ou omissão, poderá, no mínimo, provocar um atraso ou portubação no seu curso, jamais interrompe-lo.

Deste modo, a criação de um núcleo de estudos sobre a mulher sertaneja no Centro de Formação de Professoras do V Campus da UFPB, em Cajazeiras, irá representar, sem dúvida, um instrumento de resgate do papel histórico da mulher cajazeirense e sertaneja. Convém lembrar que no Centro de Formação de Professoras a presença feminina é predominante entre professores, alunos e funcionários e que este tem como função primordial a formação de educadores e educadoras que irão atuar, profissionalmente, numa região onde os valores culturais denunciam uma forte formação machista.

Nesse sentido, o funcionamento do núcleo contribuirá para o desenvolvimento de estudos, de natureza interdisciplinar, que, por um lado,,possibilitem apreender as diversas formas de participação da mulher desta região nas várias áreas da atividade humana que, de alguma forma, é marcada por discriminações de ordem social, econômica, política e cultural e, por outro lado, buscar alternativas para trabalhar essas discriminações no nível da conscientização, objetivando, assim, sua superação.

A existência do núcleo proporcionará, ainda, a produção de u

na literatura específica sobre a mulher sertaneja, do modo a preencher o vazio existente nesta área. Tal atividade permitirá forjar - se um banco de informações onde será gerado um conhecimento mais preciso das condições de vida e trabalho da mulher na região de Cajazairas.

Por fim, é importante ressaltar que o núcleo deverá seguir as diretrizes recomendadas pela UNESCO para os programas de estudo sobre a mulher, assim definidas:

- levantar questões fundamentais sobre a mulher na sociedade, usando uma abordagem científica e acadêmica;
- estimular o interesse e apoiar temas de pesquisa relevantes para a mulher e a mudança social;
- pesquisar os contextos sócio-político e cultural e seus efeitos sobre o status da mulher;
- promover uma avaliação contínua da história, das condições e das novas necessidades da mulher;
- promover a compreensão do papel histórico e atual da mulher na so cidade;
- assegurar que a mulher e os temas ligados ao gênero sejam estudados de maneira não discriminada como parte dos currículos, quer se trate de cursos específicos de estudo sobre a mulher ou em cur sos transformados do modo a dar um lugar adequado a uma perspecti va feminina;
- encorajar o reconhecimento pleno e renovado da contribuição da mu lher para o progresso da humanidade;
- fortalecer e ampliar os direitos da mulher mediante a implementa- ção de condições que permitam à mulher exercer tais direitos;
- assegurar a igualdade de todos os indivíduos sem distinção de ra- ça, sexo, idade, linguagem ou religião e, assim, transformar a so cidade.

Portanto, o Núcleo de Estudos da Mulher Sertaneja (NEMS) será um órgão vinculado ao Centro de Formação de Professores - V Campus da UFPB, Cajazairas, se constituindo num fórum de estudo, com caráter interdisciplinar e deverá contar com a colaboração de docentes, pesquisadores e profissionais de diferentes áreas do conhecimento humano, com objetivos bem definidos.

3- OBJETIVOS

- promover, através dos Departamentos do Centro de Formação de Professoras, a oferta de cursos vinculados à problemática da mulher, dentro de uma abordagem acadêmica e científica;
- desenvolver o estudo e a pesquisa de temas importantes para as mulheres e que estejam mais intimamente relacionados a um trabalho de apoio comunitário;
- criar uma área de documentação específica, reunindo publicações brasileiras e internacionais e também trabalhos universitários não publicados, para servir de subsídios ao ensino e às atividades de pesquisa;
- divulgar os resultados de estudos e pesquisas, tanto os desenvolvidos no âmbito do Centro de Formação de Professoras como fora dele, por meio de publicações, organização de mesas-redondas, palestras, programas radiofônicos e comunicações diversas;
- participar de reuniões promovidas por associações, grupos, entidades que digam respeito aos temas e trabalho vinculados à problemática da mulher;
- buscar formas de prestar serviços à população feminina de baixa renda residente na região do Cajazeiras com a finalidade de estimular a participação da mulher na solução dos problemas que afligem a vida comunitária.

4- ÁREAS DE ATIVIDADES

O Núcleo de Estudos da Mulher Sertaneja deverá atuar nas seguintes áreas:

- Ensino: dentro da programação acadêmica do Centro de Formação de Professoras, solicitar que disciplinas cujo conteúdo possibilitem ter a mulher como objeto de estudo sejam ministradas pelas professoras integrantes do Núcleo;
- Pesquisa: realizar projetos de investigação sobre temas de importância relevante para o melhor conhecimento da condição feminina;
- Documentação: reunir material informativo sobre estudos e pesquisas em torno da mulher, editados no Brasil e no exterior, além do material fotográfico e audio-visual sobre a mulher sertaneja;

- Publicações: o NEMS se propõe a editar números especiais de cadernos do Centro de Formação de Professores como resultado das suas pesquisas, artigos, ensaios e monografias sobre a temática da mulher. O Núcleo se propõe ainda a produzir programas radiofônicos abordando os resultados dos seus trabalhos e a problemática da mulher sertaneja;
- Conferências e Seminários: O NEMS organizará conferências e seminários para discutir a implementação de programas de estudos sobre a mulher na região, bem como sobre temas relevantes.

5- ESTRUTURA ORGANIZACIONAL E DE FUNCIONAMENTO DO NEMS

O Núcleo terá autonomia para definir suas linhas de atuação política, didático-científica e administrativa, estando assim estruturado:

- Consultoria: será buscada quando as necessidades se apresentarem no desenvolver das atividades do Núcleo. Essa consultoria será prestada por profissionais do próprio Centro de Formação de Professores e de outros campi da UFPA e de instituições universitárias, entidades e instituições estaduais e nacionais;
- Equipe de Apoio
 - a) didático-científica: constituída por professores, pesquisadores, alunos e funcionários do Centro de Formação de Professores e outros profissionais da comunidade cajazeirense, identificados com a natureza das atividades do Núcleo;
 - Técnico-administrativa: constituída por uma diretoria, secretária, datilógrafos, etc.

6- INFRA-ESTRUTURA BÁSICA

Compreendendo despesas de custeio com material de consumo (papel, stencil, corretor de papel, corretor de stencil, carbono, etc),

diárias, outros serviços e encargos (mecnografia, correios e telégrafos, telefonemas, etc), capital e outros como espaço físico aparelhado com mesas, cadeiras, birôs, máquinas de escrever, armários e material de expediente, grampeador, perfurador, pastas arquivos, etc.